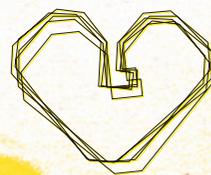


CENTRO CULTURAL VILA FLOR
GUIMARÃES



GUIMARÃES 2012
CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

GUI DANCE

FESTIVAL INTERNACIONAL
DE DANÇA
CONTEMPORÂNEA
MARÇO 2011



GUIDANCE FESTIVAL INTERNACIONAL DE DANÇA CONTEMPORÂNEA

Na lógica dos critérios programáticos do CCVF – qualidade, diversidade, contemporaneidade, criação e formação – existem, já há vários anos, actividades âncora que sustentam toda a consistência programática do espaço e que funcionam como produtos de credibilização que facilitam a introdução de novos produtos. ¶ O Guimarães Jazz, que se realiza desde 1992, atingiu já um patamar de reconhecimento e credibilidade que o posiciona como o mais importante festival de jazz português e um dos principais em toda a Europa. ¶ Os Festivais Gil Vicente – festival de teatro que teve início nos anos 50 do século passado tendo sido recuperado, após interregno de alguns anos, em 1987 – têm feito um percurso de afirmação, que leva a que tenha já reconhecimento regional e nacional, após se ter reposicionado programaticamente no teatro contemporâneo. A estratégia a perseguir passa pela internacionalização das propostas artísticas como forma de abrir o leque de opções de programação e de forma a perseguir as novas abordagens do teatro, sem limitação geográfica. ¶ Os Encontros Internacionais de Música são o evento por excelência da música erudita, que se realiza desde 1990, e que tem como

característica intrínseca, uma fusão entre a formação de nível elevado e a apresentação de concertos que cruzam conceituados músicos com os participantes nas Master Classes realizadas. Existe assim um compromisso com a partilha de experiência, de formação, de aperfeiçoamento, de talento e criatividade. ¶ O GUIDANCE - Festival Internacional de Dança Contemporânea irá propiciar uma abordagem da Dança Contemporânea como mais um dos momentos chave da programação do Centro Cultural Vila Flor. ¶ As artes performativas ficam assim suportadas por eventos que ancoram toda a programação com cariz de regularidade dando-lhe uma solidez conceptual que propiciará não só o desenvolvimento dos públicos como, também, o posicionamento do Centro Cultural Vila Flor e, consequentemente, de Guimarães num patamar elevado de reconhecimento e de oportunidade de fruição de qualidade artística, em sintonia com o desiderato de apoio e incentivo à criação artística contemporânea. ¶ No que concerne à temporalidade da programação, e considerando que a regularidade da programação é um pressuposto essencial da programação do Centro Cultural

Vila Flor, existe a estratégia de dispersar temporariamente os eventos âncora, procurando em simultâneo respeitar aquilo que é a tradição existente dos eventos mais consolidados. ¶ Sendo o Guimarães Jazz o evento que encerra o ano, Novembro; considerando que os Encontros Internacionais de Música de Guimarães se realizam em Setembro e considerando que os Festivais Gil Vicente se realizam em Junho, concretiza-se a realização do Festival de Dança Contemporânea no primeiro trimestre de cada ano. ¶ Considerando a programação de dança contemporânea que o Centro Cultural Vila Flor tem feito desde 2006, o Festival de Dança Contemporânea tem um enorme potencial de atractividade de público, quer pelas características programáticas que lhe são intrínsecas, quer pela alavancagem que lhe é proporcionada pela prática programática do CCVF. ¶ O Festival de Dança Contemporânea pretende propor novas práticas, novos modelos de colaboração, novas formas de apresentação e novas formas de apropriação. Pretende desafiar os criadores a enquadrarem-se em sistemas de criação e exibição mais porosos, fluidos e eficientes. José Bastos

For quite a few years now, the programming guidelines at the CCVF – quality, diversity, modernity, creativity and training – have been firmly founded upon certain ‘anchor events’ which give support and consistency to the programming of our creative space, and for their part, they enhance the credibility of the CCVF and facilitate our ability to host new events. ¶ Guimarães Jazz, an event occurring since 1992, has reached such a high level of recognition and prominence that it enjoys a position as the most important jazz festival in Portugal and one of the top in Europe. ¶ The Gil Vicente Festivals in theatre, which began in the 1950s but afterward lapsed and were begun again in 1987, have garnered much praise and have gained regional and national stature for having repositioned its focus on the performance of contemporary plays. The strategy has been

to follow a more international approach in artistic offerings as a way to expand the range of programming options and to open up to new theatrical expressions, without being bound to geographical limitations. ¶ The International Musical Encounters are also an event par excellence, one of classical music and occurring since 1990, whose intrinsic features are seen in the blending of musical training on a high level and concert performances with well-known musicians who have been working with participants in Master Classes. In this event, there is a commitment to the sharing of experiences, training and the attempt to perfect one’s level of talent and creativity. ¶ GUIDANCE – International Festival of Contemporary Dance will offer a new approach to contemporary dance, as one of the highlights of this year’s programming at the Vila Flor Cultural Centre. ¶ Thus

the Performing Arts are supported by these regularly-occurring programming events, and in so doing, conceptual solidity is created which allows for the development of not only different types of audiences but also for the placement of the Vila Flor Cultural Centre, and consequently Guimarães, on the highest level of recognition and opportunity for top quality artistic performances, in harmony with its pledge to support and incentivize contemporary artistic endeavors. ¶ With respect to the time frames for programming events, and in consideration that having regular programming is an essential underpinning at the Vila Flor Cultural Centre, there is a strategy to schedule the anchor events throughout the year, spreading them out so as to uphold the tradition of the most popular events. ¶ Guimarães Jazz is the event which closes out the calendar

year in November, the International Musical Encounters take place in September and the Gil Vicente Festivals are in June – thus the Festival of Contemporary Dance is slated for the first quarter of the calendar year. ¶ Given the contemporary dance programming which the Vila Flor Cultural Centre has been offering since 2006, the Festival of Contemporary Dance has enormous potential to attract audiences, whether through its intrinsic programming features or its being one of the highlights of CCVF’s year in programming. ¶ The Festival of Contemporary Dance seeks to propose new practices, new models for collaboration, new performance styles and new ways to make it its own. It seeks to challenge artists, calling upon them to frame themselves in more porous, fluid and efficient techniques of artistic expression and performance. José Bastos

BE YOUR SELF

AUSTRALIAN DANCE THEATRE

Australian Dance Theatre (ADT) é a companhia de dança contemporânea mais conceituada na Austrália e que tem produzido extraordinários espectáculos desde a sua criação em 1965, na cidade de Adelaide. Sob a direcção artística de Garry Stewart desde 1999, a companhia embarcou numa trajectória artística muito característica que mereceu vários elogios, tanto às coreografias de Garry Stewart como ao fantástico grupo de bailarinos. Os bailarinos da ADT praticam inúmeras disciplinas físicas. Além de técnicas de dança contempo-

rânea e ballet clássico, treinam intensamente yoga, artes marciais e ginástica. Fruto disso, a ADT goza de uma invejável reputação, tanto nacional como internacional, sendo vista como uma das mais importantes e relevantes companhias mundiais de dança contemporânea. ¶ Criado por Garry Stewart, “Be Your Self” é uma *performance* extraordinária onde o corpo é uma força a ter em conta no conjunto de elementos que usamos para nos definirmos. Baseando-se em especulações sobre a natureza do ser humano e da sua individualidade, o espectáculo explora os aspectos positivos do corpo e da mente do ponto de vista biológico e psicológico.

“Be Your Self aborda as ideias contemporâneas da individualidade. A nossa identidade é uma construção, uma competição constante entre os vários “Eus”, numa luta em que tudo acontece só porque assim tem de ser. A história dos nossos “Eus” não é linear, nem sem costuras que unam todas as partes, mas sim uma diversidade de paragens, começos, retrocessos, avanços, eliminações e embelezamentos”, confessa Garry Stewart. Integrando um grupo de bailarinos da Australian Dance Theatre e um actor convidado, “Be Your Self” conjuga dança, música, palavra, vídeo,

QUINTA-FEIRA 10
22:00
GRANDE AUDITÓRIO

AUSTRALIAN DANCE THEATRE

“BE YOUR SELF”, DA COMPANHIA AUSTRALIAN DANCE THEATRE, MARCA O ARRANQUE DA 1ª EDIÇÃO DO GUI DANCE, FESTIVAL QUE TRARÁ AO CENTRO CULTURAL VILA FLOR ALGUMAS DAS MAIS CONCEITUADAS COMPANHIAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS, COMO É O CASO DA AUSTRALIAN DANCE THEATRE QUE VEM A PORTUGAL PELA PRIMEIRA VEZ PARA PARTICIPAR PROPOSITADAMENTE NO GUI DANCE.

“BE YOUR SELF”, FROM THE AUSTRALIAN DANCE THEATRE, IS THE PERFORMANCE SET TO OPEN THE 1ST EDITION OF GUI DANCE, THE FESTIVAL WHICH WILL BRING THE LEADING PORTUGUESE AND INTERNATIONAL COMPANIES TO THE VILA FLOR CULTURAL CENTRE, AS IS THE CASE WITH THE AUSTRALIAN DANCE THEATRE, MAKING ITS PREMIERE VISIT TO PORTUGAL WITH THIS PERFORMANCE AT GUI DANCE.

The Australian Dance Theatre (ADT) is the most prominent contemporary dance company in Australia, having produced extraordinary shows since its founding in 1965 in Adelaide. Under Artistic Director Garry Stewart since 1999, the company has set out upon a most unique artistic path, garnering praise for both Garry Stewart’s choreography and this amazing group of dancers. ATM dancers show their talent in numerous physical disciplines; in addition to contemporary dance techniques, they intensely train in the areas of yoga, martial arts and gymnastics. The result of this is ADT’s enviable reputation both nationally and internationally, making it one of the most important and relevant contemporary dance companies in the world. ¶ Created by Garry Stewart, “Be Your Self” is an extraordinary performance where the body

arquitectura numa experiência tridimensional intemporal. Depois das suas colaborações muito frutuosas com artistas internacionais, como a fotógrafa Lois Greenfield e o perito em robótica Professor Louis-Philippe Demers, Garry Stewart trabalhou com o gabinete dos arquitectos visionários nova-iorquinos Diller, Scofidio e Renfro (que receberam o prémio ‘Genius Award’ da MacArthur Foundation) na criação do cenário de “Be Your Self”. “Partimos com a ideia de pôr de parte as regras de palco, ao integrar vídeo, partes do cenário e os corpos dos bailarinos em toda a

cena”, explica Garry Stewart. O Director Artístico da Australian Dance Theatre juntou ainda os talentos dos mais importantes artistas australianos na área do som (Brendan Woithe), da luz (Damien Cooper), do vídeo (Brenton Kempster), do guarda-roupa (Gaelle Mellis) e da fotografia (Chris Herzfeld) para a criação deste espectáculo. Em “Be Your Self”, a paisagem sonora desdobra-se em uníssono com os corpos dos bailarinos, de modo a submergir os espectadores na coreografia e nos diálogos. A introdução de diversas formas de arte e o expansivo estilo coreográfico de Garry Stewart levaram a Australian Dance Theatre à ribalta da dança contemporânea internacional. Os trabalhos que ele criou para a companhia – “Birdbrain”, “The Age of Unbeauty”, “HELD”, “Devolution” e “G” – são uma progressão crítica e inteligente desta forma de arte.

is a force to be taken into account amongst the group of elements that we use to define ourselves. Based on speculations on the nature of human beings and their individuality, the show explores the positive aspects of the body and mind from the biological and psychological point of view. Garry Stewart says, “Be Your Self” takes up contemporary ideas of individuality. Our identity is a construction, a constant competition amongst the various “Me’s” in a struggle where anything can happen because it has to. The history of “Me’s” is not linear, nor without the seams which bring the parts together but rather a diversity of stops, starts, returns, advances, eliminations and embellishments.” Made up of a group of Australian Dance Theatre members and a guest dancer, “Be Your Self” brings together dance, music, the

QUINTA 10 | 22h00
BE YOUR SELF
AUSTRALIAN DANCE THEATRE
GRANDE AUDITÓRIO
12,50 EUR /10,00 EUR c/desconto

SEXTA 11 | 22h00
MAPACORPO
AMÉLIA BENTES
PEQUENO AUDITÓRIO
10,00 EUR /7,50 EUR c/desconto

SÁBADO 12 | 22h00
ROSAS DANST ROSAS ROSAS
GRANDE AUDITÓRIO
12,50 EUR /10,00 EUR c/desconto

QUARTA 16/QUINTA 17* | 22h00/* 11h00
ENTRE TODAS AS COISAS TERESA PRIMA
PEQUENO AUDITÓRIO
5,00 EUR (DIA 16) / 2,00 EUR (DIA 17)

QUINTA 17 | 22h00
ELECTRA | A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA
COMPANHIA OLGA RORIZ
GRANDE AUDITÓRIO
12,50 EUR /10,00 EUR c/desconto

SEXTA 18 | 22h00
AR AO VENTO, DE LÍGIA SOARES ERA UMA COISA MESMO MUITO ABSTRACTA, DE ANDRESA SOARES
PEQUENO AUDITÓRIO
10,00 EUR /7,50 EUR c/desconto

SÁBADO 19 | 22h00
BABEL (WORDS)
SIDI LARBI CHERKAoui & DAMIEN JALET
GRANDE AUDITÓRIO
12,50 EUR /10,00 EUR c/desconto

SÁBADO 20 | 22h00
OS MESTRES DA DANÇA
GRANDE AUDITÓRIO
12,50 EUR /10,00 EUR c/desconto

ACTIVIDADES PARALELAS

TERÇA 01 E QUARTA 02 | 10h00 E 15h00
SEXTA 11 | 10h00
SEGUNDA 14 E TERÇA 15 | 10h00 E 15h00
OFICINA DE DANÇA
À MANEIRA DELES, AGORA!
LEONOR BARATA
ESPAÇO OFICINA

QUARTA 09 | 14h00 - 17h30
AUSTRALIAN DANCE THEATRE MASTERCLASSE
TÉCNICAS DE DANÇA CONTEMPORÂNEA
SALA DE ENSAIOS

QUARTA 09 | 21h30
CAFÉ FALADO
DO CENTRO PARA A PERIFERIA: CONFRONTAÇÃO DE REALIDADES E EXPECTATIVAS
CAFÉ CONCERTO

QUINTA 10 | 19h00 - 21h00
ENSAIO ABERTO
BE YOUR SELF
AUSTRALIAN DANCE THEATRE
GRANDE AUDITÓRIO

SEXTA 11 | 18h30 - 20h30
AUSTRALIAN DANCE THEATRE WORKSHOP
ESTÚDIO DE DANÇA
SALA DE ENSAIOS

SEXTA 11 | 19h00 - 21h30
OFICINA DE DANÇA
HISTÓRIAS SOBRE A HISTÓRIA DA DANÇA
LEONOR BARATA
ESPAÇO OFICINA

TERÇA 15 | 21h30
CAFÉ FALADO
AS "LINGUAGENS" DO CORPO
CAFÉ CONCERTO

SÁBADO 19 | 15h00
SESSÃO ABERTA
LABORATÓRIO B
NO ÂMBITO DO PROJECTO B
PEQUENO AUDITÓRIO

PREÇOS c/DESCONTO
Cartão Municipal de Idoso, Reformados e Maiores de 65 anos; Cartão Jovem Municipal; Cartão Jovem, Menores de 30 anos e Estudantes; Deficientes e Acompanhante; Cartão Municipal das Pessoas com Deficiência; Cartão CCVF, desconto 50%

ASSINATURA € 50,00
(acesso a todos os espectáculos)

VENDA DE BILHETES
Bilhetes do CCVF, WWW.CCVF.PT e em todas as lojas FNAC

A CONSTRUÇÃO ILUSÓRIA DO “EU”*

“Be Your Self” desconstrói e provoca. O corpo, como matéria-prima enformada e funcional, postula uma análise que dê resposta às inquietações que assolam a nossa construção identitária. Garry Stewart interroga-nos: o que há de construído no “Eu” e quão ilusória é a sua imagem? Poderão as emoções residir no estritamente mental? Fará sentido pensarmos a mente, o espírito e o corpo como entidades separadas, quando a corporeidade é um sinal evidente do que sentimos e de como sentimos? O que é o “Eu”? Estas são algumas das perguntas que nos farão reflectir ao longo de uma *performance* que faz da relação entre a mente e a expressão corporal o seu *leitmotiv*. ¶ Nas fronteiras da Dança Contemporânea, a Australian Dance Theatre convoca-nos para uma experiência deslumbrante que reclama atenção. “Be Your Self” não é um apelo óbvio à capacidade descodificadora do seu público e, por esse motivo, converte-se num desafio estimulante que requer uma grande capacidade reflexiva. O real e o exploratório conjugam-se numa festa visual à qual não é alheia a paixão de Stewart pelo filme e multimédia. Na indefinição de género, somos levados por caminhos que diluem a imutabilidade presente na nossa concepção de movimento, sentimentos e expressões. Existirá algo de manipulador no corpo humano que nos conduz de uma

spoken word, video, and architecture in a three-dimensional and timeless experience. After his very fruitful collaborations with international artists such as photographer Lois Greenfield and robotics expert Professor Louis-Philippe Demers, Garry Stewart called upon the visionary New York architectural firm of Diller, Scofidio and Renfro (recipients of the ‘Genius Award’ from MacArthur Foundation) to work in the creation of the set for “Be Your Self.” “We began with the idea that we would put aside the rules of staging, so we have brought in video and placed bits of the set and dancers’ bodies all over the stage,” Garry Stewart explains. The Artistic Director of the Australian Dance Theatre is also using some of the most talented Australian artists in the fields of sound (Brendan Woithe), lighting (Damien Cooper),

forma inexorável? ¶ Inspirado pelo pensamento da filosofia oriental acerca da individualidade, Stewart provoca-nos com questões inesperadas. O corpo é fonte de percepções e simultaneamente matriz que alimenta a construção mental e consciente de uma narrativa linear do “Eu”. Somos uma construção idiosincrática, pois nada existe no nosso interior que nos legitime ontologicamente. A consciência é vista como um qualquer outro sistema corporal, libertando o corpo das suas limitações estruturais. ¶ Neste monismo que somos conduzidos através de uma dança exacta que se alimenta da contracção muscular, do movimento dos tendões e do ranger dos ossos,

numa demonstração de simplicidade que desafia constantemente o limite. A fixidade do olhar, o grito que se desprende, o ascetismo da indumentária são elementos que se cruzam no esoterismo da função. ¶ Garry Stewart define a obra como uma “expressão artística sobre o corpo humano” que não prescinde da dimensão estético-visual como epíteto. Há um compromisso assumido entre a obtusidade da proposta e a sua acessibilidade estética. Contudo, “Be Your Self” não faz a apologia do Belo, pois na dança os estereótipos de beleza ditam a sua estagnação. ¶ “Be Your Self” situa-se para além do óbvio, abraçando um território criativo e estimulante.

on the construction of our identity. Garry Stewart puts forth the question: What is there in “Me” that is constructed and how illusory is that image? Can emotions reside strictly in the mental sphere? Does it make sense to think of the mind, spirit and body as separate entities when corporality is an evident sign of what we feel and how we feel? What is “the Me”? These are some of the questions which he compels us to think about throughout a performance which makes the relationship between the mind and the body its leitmotiv. ¶ On the frontiers of contemporary dance, the Australian Dance Theatre summons us to the amazing experience of demanding attention. “Be Your Self” is not just the obvious invitation to the public to use its capacity to decode,

are led through an exact dance which feeds upon muscle contractions, the movement of tendons and the creaking of bones in a demonstration of simplicity which is constantly challenging the limits. The fixed stare, the startling shout and the asceticism of one’s garments are elements which crisscross in the esotericism of function. ¶ Garry Stewart defines the piece as an “artistic expression on the human body” which does not cast off the aesthetic-visual dimension as something dispensable. The denseness of the work and its aesthetic accessibility have made a commitment to each other. “Be Your Self” is not an apologist to Beauty since, in dance, stereotypes of beauty have dictated its stagnation. ¶ “Be Your Self” goes beyond the obvious to embrace a creative and exciting new territory.



FARÁ SENTIDO PENSARMOS A MENTE, O ESPÍRITO E O CORPO COMO ENTIDADES SEPARADAS, QUANDO A CORPOREIDADE É UM SINAL EVIDENTE DO QUE SENTIMOS E DE COMO SENTIMOS?

DOES IT MAKE SENSE TO THINK OF THE MIND, SPIRIT AND BODY AS SEPARATE ENTITIES WHEN CORPORALITY IS AN EVIDENT SIGN OF WHAT WE FEEL AND HOW WE FEEL?

and for that reason, it becomes an exciting challenge which requires a broader ability to reflect. The real and the exploratory blend in a visual feast, one in which Stewart’s passion for video and multimedia are quite present. In the non-definition of genre, we are taken down paths which dilute the immutability

Self” is a co-production of the Grand Théâtre de Luxembourg (Luxemburgo), La Rose des Vents – scène nationale Lille Métropole – Villeneuve d’Ascq (France), Le Rive Gauche, Saint-Etienne-du-Rouvray (France), Vila Flor Cultural Centre – Guimarães (Portugal), Théâtre de la Ville – Paris (France), Cultuurcentrum Bruges (Belgium) and Arts SA (Australia).

The illusory construction of “Me”*
“Be Your Self” deconstructs and provokes. The body, as a formed and functional raw material, begs for an analysis which offers a response to the worries which wreak havoc

present in our conception of movement, feelings and expressions. Is there something manipulating in the human body which leads us to an inescapable form? ¶ Inspired by what Oriental philosophy says about individuality, Stewart provokes us with unexpected questions. The body is a source of perceptions and at the same time the matrix which feeds the mental and conscious construction of a linear narrative of “Me.” We are an idiosyncratic construction since we have nothing internally which legitimizes us ontologically. Consciousness is seen as some other bodily system, freeing the body from its structural limitations. It is along this monism that we

• Concepção e Direção **Garry Stewart** • Assistente de Direção Artística **Elizabeth Old** • Coreografia **Garry Stewart e Bailarinos da ADT** • Assistente de coreografia **Larissa McGowan** • Texto escrito por **Garry Stewart, Michael Heyman** e **Professor Ian Gibbins** • Desenho de Cena **Diller, Scofidio e Renfro** • Desenho de Som **Brendan Woithe (colony not)** • Desenho de Luz **Damien Cooper** • Vídeo **Brenton Kempster (ZuluMu Design + Post)** • Guarda-roupa **Gaelle Mellis** • Director Técnico e Responsável da Tournée **Paul Cowley** • Dramaturgia **Professor Julie Holledge** • Fotografia **Chris Herzfeld (Gamlight Productions)** • Preparador Físico **Michael Heyman** • Consultor de Neurobiologia **Professor Ian Gibbins** • Coordenação da Tournée **Frans Brood Productions / www.fransbrood.com** • Coordenador Técnico Europeu e Tradutor **Pascal Baxter** • Director da Companhia **Gabrielle Hornhardt** • Director de Cena **Lucie Balsamo** • Direção de Luz **Chris Petridis** • Direção de Som **Oliver Taylor** • Chefe de Palco **Damon Jones** • Bailarinos **Adam Blanch, Scott Ewan, Luke Hanna, Jessica Heskeith, Larissa McGowan, Quan Bui Ngoc, Kyle Page, Tara Soh, Kialea-Nadine Williams, Kimball Wong** • Actor **Annabel Giles**

Be Your Self foi co-produzido pelo **Grand Théâtre de Luxembourg (Luxemburgo)**, **La Rose des Vents - scène nationale Lille Métropole - Villeneuve d’Ascq (França)**, **Le Rive Gauche Saint-Etienne-du-Rouvray (França)**, **Centro Cultural Vila Flor Guimarães (Portugal)**, **Théâtre de la Ville - Paris (França)**, **Cultuurcentrum Bruges (Bélgica)** e **Arts SA (Austrália)**

*Elenco Original **Chris Aubrey, Emea Dillon, Troy Honeysett, Lauren Langlois, Larissa McGowan, Kyle Page, Tara Soh, Kialea-Nadine Williams, Kimball Wong e Annabel Giles**

Australian Dance Theatre
• Director Artístico **Garry Stewart** • Director Executivo **Nick Skibinski** • Assistente de Direção Artística **Elizabeth Old** • Directora Financeira e Administrativa **Marni Hentschke** • Directora de Marketing e Coordenadora da Tournée **Kyra Herzfeld** • Director de Produção e Operações **Paul Cowley** • Assistente Executiva **Ros Heard** • Direção do Australian Dance Theatre **Linda Bowers (Presidente)**, **Barry Porter (Vice-presidente)**, **Kent Aughey, Fraser Bell, Kim Boehn, Greg Clarke and Annette Coleman**
• Duração **70 min. s/intervalo** • Maiores de **12**

MAPA-CORPO

AMÉLIA BENTES

SEXTA-FEIRA 11
22:00

PEQUENO AUDITÓRIO

Melhor do que criar, só co-criar. Gosto desse desafio. As artes de palco são sempre colaborações. Mas um projecto onde os colaboradores realmente se abrem ao diálogo e à diferença é um desafio muito raramente assumido. Assim, como ponto de partida fundamental, a personalidade dos colaboradores envolvidos. “Mapacorpo” é um dueto no feminino interpretado por mim e pela Leonor Keil, com percursos idênticos mas distintas nas suas fisicalidades. Trabalhámos essa proximidade e essa diferença. Começamos juntas numa mesma pele, que depois é tirada, tratada como uma coisa. Como extensões uma da outra, completamo-nos e desorganizamo-nos. Prefiro sempre dançar com música ao vivo, numa escuta mútua. O Vítor Rua é um criador de atmosferas espectaculares, acompanha e estimula. ¶ O Jorge Gonçalves, no desenho digital em tempo real, já colaborou comigo nos últimos trabalhos. Tem uma técnica e uma linguagem muito inovadoras e ainda com muitos caminhos a explorar. Completa o discurso, mas também implica metamorfoses que, entrando pelo movimento dentro, o transformam poeticamente. Ao fim de vários meses de pesquisa e ensaios, uma primeira versão, acompanhada de muitos materiais de pesquisa, foi exposta ao olhar muito particular da coreógrafa brasileira Lia Rodrigues,

“MAPACORPO” É UM DUETO NO FEMININO COM AMÉLIA BENTES E LEONOR KEIL, DUAS INTÉRPRETES E CRIADORAS CONHECIDAS DO PÚBLICO, COM PERCURSOS IDÊNTICOS, UMA ESTÉTICA COMUM MAS DISTINTAS NAS SUAS FISICALIDADES. EM “MAPACORPO”, A DANÇA CRUZA-SE COM O DESENHO DIGITAL, EM TEMPO REAL, E A MÚSICA AO VIVO. NESTE ESPECTÁCULO, EXPLORAM-SE AS POSSIBILIDADES DO CRUZAMENTO DE LINGUAGENS E CONFRONTO DE ESTÉTICAS, EM ESTREITA COLABORAÇÃO COM CRIADORES COMO JORGE GONÇALVES, A COREÓGRAFA BRASILEIRA LIA RODRIGUES E O MÚSICO VÍTOR RUA.

“MAPACORPO” IS A TWO-WOMAN SHOW FROM AMÉLIA BENTES AND LEONOR KEIL, TWO PERFORMERS AND ARTISTS WELL-KNOWN TO AUDIENCES WITH NEARLY IDENTICAL CAREERS WITHIN A COMMON AESTHETIC YET ONE THAT IS DISTINCT IN ITS PHYSICALITY. IN “MAPACORPO,” DANCE MINGLES WITH DIGITAL DESIGN IN REAL TIME AND FEATURES WITH LIVE MUSIC. WITH THE SHOW EXPLORING THE INTERSECTING POSSIBILITIES OF LANGUAGE AND THE CONFRONTATION OF AESTHETICS. COLLABORATING ARE ARTISTS JORGE GONÇALVES, THE BRAZILIAN CHOREOGRAPHER LIA RODRIGUES AND MUSICIAN VÍTOR RUA.

a quem foi lançado o desafio de trabalhar o material existente. Estivemos durante um mês com esse olhar exterior, inteligente, sensível e respeitador. Partimos da ideia de mapear o nosso próprio espaço. Uma viagem. Um estudo do mapa da realidade: histórias que acumulamos, escolhas que fazemos e que determinam o que somos. Um corpo tem história, a viagem é também no tempo: que mudanças se processam num corpo? Como estar no corpo agora? O nosso mapa é sempre solitário e sempre acompanhado por alguém. É um lugar secreto, onírico, da nostalgia do particular, do impreciso, indescritível. Este trabalho será todo projectado no chão de forma a dar corpo a esta metáfora de mapear o corpo no espaço e mostrar como a tecnologia influencia os corpos em movimento ou

Better than creating is co-creating. I like this challenge. Stage arts are always a collaboration. But a project where the participants are really opening up to dialogue and differences is a challenge which is rarely taken up, with a fundamental stepping off point being the personalities of the artists involved. “Mapacorpo” is a two-woman show performed by myself and Leonor Keil, and although our careers are nearly identical, we have distinct physicality. We have worked with this sense of proximity and difference. We begin in the same skin, then remove it, dealing with it as a thing. With each one of us an extension of the other, we complete ourselves and disorganize ourselves. I always prefer to dance with live music, in the mutual sense of listening. Vítor Rua creates spectacular atmospheres which accompany and excite us. ¶ Jorge Gonçalves, with real time digital design, has worked with me on my most recent projects. He has a very innovative technique and language, but still with many paths he can explore. He completes the discourse but also implies metamorphoses which by penetrating the movement, transforms it poetically. After several months of research and rehearsals, a first version using many researched materials was shown to Brazilian choreographer Lia Rodrigues who challenged us to use the existing material. For a month we worked on this outward-looking, intelligent, sensitive and respectful perspective. We began with the idea of mapping our own space. A journey. A study on the map of reality: the stories we accumulate, the choices we make and which determine what we are. A body which has history, the journey is also one in time: what changes are in process within the body? How should we be inside the body now? Our map is always a solitary one

vice-versa. No palco, o quadrado de 5 por 5 metros no chão funciona como uma tela ou folha de papel onde são desenhados pensamentos, mais do que sentimentos: o próprio desenho prolonga o que é pensado. À medida que o branco é preenchido, surge também a procura do descanso. Da paz. Como diz Genet no inspirador livro sobre Giacometti, não é o traço que tem elegância ou plenitude, mas sim o espaço branco por ele contido. É o barro que faz a ânfora, mas é o vazio interno que lhe dá sentido. Como nos recortamos nesse espaço, nos erguemos dessa folha, quatro performers, tridimensionais, vulneráveis, dialogando com a música e com o silêncio, por vezes excessivos, vivos? Procuramos em cada instante estar presentes. É ser honestos, que é o mais difícil. *Amélia Bentes*

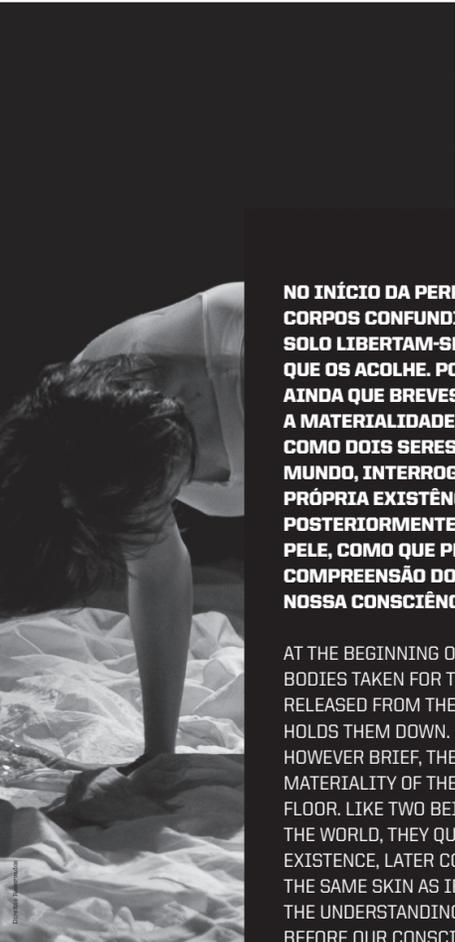
yet always with someone accompanying us. It is a secret place, dream-like, nostalgic for the particular, imprecise and indescribable. The performance is geared to floor work in order to imbue the body with the metaphor of mapping the body in space and showing how technology influences bodies in movement, and vice versa. On stage, a 5 x 5 meter square on the floor will function as a canvas or sheet of paper where thoughts are drawn out more than feelings: the very design prolongs what is being thought. While the white space is being filled up, the search for rest is taking place. Peace. As Genet says in the inspiring book on Giacometti, it is not the stroke which shows elegance or fullness, but the blank space in which it is contained. It is the clay which makes the amphora, but it is the empty space inside which gives it its purpose. As we are cutting up this space, we rise up from it: four performers, three-dimensional, vulnerable, dialoguing with the music and with silence, at times excessive, alive? We strive to be present at all times. And to be honest, which is more difficult. *Amélia Bentes*

AS FRONTEIRAS DO SENTIDO*

“Mapacorpo”, de Amélia Bentes, é, segundo a própria, “um lugar secreto, onírico, da nostalgia do particular, do impreciso, indescritível”. A peça, que junta no mesmo espaço cénico a dança, a música e o desenho gráfico (para além do dueto protagonizado por Amélia Bentes e Leonor Keil, actuam, em tempo real, o músico Vítor Rua e o desenhador digital Jorge Gonçalves), pretende mapear um espaço que se alimenta de cumplicidades, mas também da diferença. Um espaço que não recusa as fronteiras determinadas pela tecnologia, ela própria condicionadora do seu uso e, conseqüentemente, das viagens que nele empreendemos. Mas, nesta viagem, traçam-se percursos de colaboração, sinal da possível e desejada convergência entre os diversos, alavancadora das dinâmicas interpessoais, e metáfora de um ponto de partida, de uma origem, comuns. ¶ No início da performance, corpos confundidos com o solo libertam-se de um tecido que os acolhe. Por momentos, ainda que breves, contemplam a materialidade da sua origem. Como dois seres

UM CORPO TEM HISTÓRIA, A VIAGEM É TAMBÉM NO TEMPO: QUE MUDANÇAS SE PROCESSAM NUM CORPO? COMO ESTAR NO CORPO AGORA? O NOSSO MAPA É SEMPRE SOLITÁRIO E SEMPRE ACOMPANHADO POR ALGUÉM. É UM LUGAR SECRETO, ONÍRICO, DA NOSTALGIA DO PARTICULAR, DO IMPRECISO, INDESCRITÍVEL.

A BODY WHICH HAS HISTORY, THE JOURNEY IS ALSO ONE IN TIME: WHAT CHANGES ARE IN PROCESS WITHIN THE BODY? HOW SHOULD WE BE INSIDE THE BODY NOW? OUR MAP IS ALWAYS A SOLITARY ONE YET ALWAYS WITH SOMEONE ACCOMPANYING US. IT IS A SECRET PLACE, DREAM-LIKE, NOSTALGIC FOR THE PARTICULAR, IMPRECISE AND INDESCRIBABLE.



NO INÍCIO DA PERFORMANCE, CORPOS CONFUNDIDOS COM O SOLO LIBERTAM-SE DE UM TECIDO QUE OS ACOLHE. POR MOMENTOS, AINDA QUE BREVES, CONTEMPLAM A MATERIALIDADE DA SUA ORIGEM. COMO DOIS SERES QUE HABITAM O MUNDO, INTERROGAM A SUA PRÓPRIA EXISTÊNCIA, UNINDO-SE POSTERIORMENTE NA MESMA PELE, COMO QUE PROCURANDO A COMPREENSÃO DO QUE APARECE À NOSSA CONSCIÊNCIA.

AT THE BEGINNING OF THE PERFORMANCE, BODIES TAKEN FOR THE FLOOR ARE RELEASED FROM THE FABRIC THAT HOLDS THEM DOWN. FOR A MOMENT, HOWEVER BRIEF, THEY CONTEMPLATE THE MATERIALITY OF THEIR ORIGIN ON THE FLOOR. LIKE TWO BEINGS WHICH INHABIT THE WORLD, THEY QUESTION THEIR OWN EXISTENCE, LATER COMING TOGETHER IN THE SAME SKIN AS IF SEARCHING FOR THE UNDERSTANDING OF WHAT APPEARS BEFORE OUR CONSCIOUSNESS.

que habitam o mundo, interrogam a sua própria existência, unindo-se posteriormente na mesma pele, como que procurando a compreensão do que aparece à nossa consciência. De costas voltadas, tocam-se e fundem-se, fazendo parte de um só e mesmo organismo. Abraçam-se, conhecem-se e dão conta da sua imperiosa necessidade de comunicar. Há uma intuição radical e orgânica que torna o mundo expressivo. E dessa expressividade surge o movimento do corpos que se entrelaçam, procurando mitigar os desequilíbrios que encerram sem, contudo, os renegar. E, do círculo luminoso que abraça a terra, se abre um novo mundo de possíveis. ¶ A partir do jogo de cumplicidades que se estabelece, desenham-se traços que, no corpo, evidenciam o tronco comum da nossa materialidade. Uma materialidade transferível, que se desvanece em pontos de luz capazes de provocar, com a sua energia, o espasmo da mudança. Nas linhas de cor desenhadas no solo, articulam-se movimentos como que à procura do seu próprio caminho. No entanto, estes são movimentos determinados pelo espaço e pelo minimalismo do som, pela luz branca que sincroniza. E é no branco que se revelam as fronteiras do sentido. Na elegância do seu traço, mora um espaço que é fiel depositário de “histórias que acumulamos, escolhas que fazemos e que determinam o que somos”. ¶ “Mapacorpo” é o resultado de uma equilibrada colaboração que emerge da conjugação de personalidades e discursos diferentes, que se cruzam na contingência de um espaço partilhado e, contudo, aberto à constante mutação que a polissemia lhe confere.

The frontiers of meaning*

“Mapacorpo”, in the words of creator Amélia Bentes, is “a secret place, dream-like, nostalgic for the particular, imprecise and indescribable.” The show, which brings the scenic space together with dance, music and graphic design, (in the duet of Amélia Bentes and Leonor Keil, dancing in real time accompanied by musician Vitor Rua and digital designer Jorge Gonçalves), seeks to map out a space in which intimacies are nurtured along with differences. A space which does not spurn the frontiers placed before us by technology, itself the controller of its very use and thus of the journeys we undertake within the space. But in this journey, the course of collaboration is drawn, the sign of the possible and desired convergence of diverse parts which elevate interpersonal dynamics with the common metaphor of a stepping-off point,

of an origin. ¶ At the beginning of the performance, bodies taken for the floor are released from the fabric that holds them down. For a moment, however brief, they contemplate the materiality of their origin on the floor. Like two beings which inhabit the world, they question their own existence, later coming together in the same skin as if searching for the understanding of what appears before our consciousness. Back-to-back, they touch and merge, becoming part of the same organism. They hold and know each other, realizing their intense need to communicate. There is a radical and organic intuition which makes the world expressive. And from this expressiveness emerges the movement of bodies which intertwine, seeking to lessen the imbalance which surrounds them, yet without downing it. And from the luminous circle which embraces the earth, a new world of possibilities is opened. ¶ From the intimacies which are established, courses are drawn out which in the body give evidence to the common body of our materiality. A transferable materiality which fades into points of light which, with its energy, cause a shudder of change. Within the colorful lines drawn on the floor, movements are articulated as if in search of their own direction. These are nevertheless the movements determined by the space and the minimalism of sound and the synchronizing white light. It is in the white that the frontiers of meaning are revealed. In the elegance of their traced lines there lives a space which is the faithful depository of “stories which we accumulate and the choices which we make which determine what we are.” ¶ “Mapacorpo” is the result of a balanced collaboration which emerges from the union of different personalities and discourses, which intersect in the possibility of a shared space, and yet one that is open to the constant mutation which comes from the fact that a word may have many definitions.

• Direcção, Coreografia Amélia Bentes • Orientação Coreográfica Lia Rodrigues • Interpretação Amélia Bentes e Leonor Keil • Apoio Dramaturgício Paulo Filipe • Música ao vivo Vitor Rua • Desenho Digital em tempo real António Jorge Gonçalves • Figurinos Carlota Lagido • Vestido de seda Lídia Kolovrat • Desenho de luz Cristina Piedade • Direcção técnica Raúl Seguro • Projecto financiado pela DGArces - Ministério da Cultura • Co-produção Fundação Centro Cultural de Belém • Produção executiva ACCCA, Companhia Clara Andermatt • Gestão financeira Produções Independentes, Associação • Apoios Escola Superior de Dança, Atlético Clube de Moscavide • Agradecimentos Companhia Paulo Ribeiro, Ângelo Lourenço

• Estreia 26 e 27 de Fevereiro 2010 - CAPA, Centro de Artes Performativas do Algarve • Duração 80 min. (aprox.) • Maiores de 12

ROSAS DANST ROSAS

SÁBADO 12
22:00
GRANDE AUDITÓRIO

ROSAS

Criada em 1983, pela então jovem coreógrafa e bailarina Anne Teresa De Keersmaeker, “Rosas danst Rosas” marcou o início da companhia Rosas. Em 1982, com “Fase” – a sua primeira criação – Anne Teresa De Keersmaeker era já uma revelação, devido ao impacto da linguagem gestual repetitiva e pós-modernista presente no espectáculo. Um ano mais tarde, a coreógrafa voltou a causar surpresa com “Rosas danst Rosas”, cuja obra é de uma força notável. “Rosas danst Rosas” conheceu de imediato um enorme sucesso internacional e foi apresentada inúmeras vezes pelo mundo inteiro. Considerada, hoje em dia, como um clássico da dança contemporânea, continua a ser um valor seguro no repertório da companhia. Ao longo dos 27 anos que separam

esta obra da sua criação, a coreografia foi apresentada, frequentemente, com novos elencos. ¶ No início do espectáculo, quatro mulheres estão alinhadas ao fundo do palco, de costas para o público: o seu primeiro movimento é uma queda, voltando-se para trás ao mesmo tempo. Na primeira parte, a única música que se ouve é somente a dos corpos: a respiração e a fricção contra o chão. Na segunda parte, a coreografia evolui em paralelo com a música composta por Thierry De Mey e Peter Vermeersch. “Rosas danst Rosas” tem a simbologia dos campos de tensão que caracterizam a obra de Anne Teresa De Keersmaeker: o contraste entre estrutura racional e emoção, a dialéctica entre agressão e ternura, a interacção entre unísono e contraponto, uniformidade e individualidade. ¶ Nos últimos 27 anos, De Keersmaeker tem criado uma série de trabalhos coreográficos memoráveis. As suas coreografias são escrita pura, com o movimento no tempo e no espaço. No centro das suas criações está a relação entre o movimento e a música. Rosas é uma das poucas companhias com um grupo permanente de bailarinos. Anne Teresa De Keersmaeker decidiu optar por um modelo de companhia que fosse além dos projectos que tinha em andamento, permitindo um trabalho intensivo e contínuo de aperfeiçoamento com cada um dos seus bailarinos. Por isso é que, nas maiores produções da companhia, todo o elenco sobe ao palco. Além disso, há também algumas pequenas produções em que a própria De Keersmaeker também dança. Ao mesmo tempo que cria novas coreografias, o grupo permanente de bailarinos da companhia continua também a dançar o seu extenso repertório, permitindo que o seu passado artístico possa ser transmitido a novas gerações de bailarinos e públicos. A companhia tem actuado um por todo o mundo, não descurando a sua presença na Bélgica, que continua a ser a sua prioridade. A companhia Rosas tem uma missão explícita na transmissão de conhecimento nesta área, tendo dedicado ao longo dos anos muita energia e atenção a projectos educacionais e de cooperação, projectos que pretendem continuar nos próximos anos.



Created in 1983 by the then young dancer and choreographer Anne Teresa De Keersmaeker, “Rosas danst Rosas” marked the beginning of the Rosas Company. In 1982, with “Phase,” its first creation, Anne Teresa De Keersmaeker was an acclaimed new artist due to the impact of the repetitive post-modern gestural language used in her shows. A year later, the choreographer again caused a stir with “Rosas danst Rosas,” a work of notable strength. “Rosas danst Rosas” became an immediate international success and was performed numerous times all over the world. Considered nowadays to be a classic of contemporary dance, it continues to be a cornerstone in the company’s repertory. In the 27 years’ time from the work’s premiere to today, the piece has been presented frequently with a variety of cast members. ¶ At the beginning of the show, four women are aligned at the back of the stage, facing away from the audience: their first move

is a fall while spinning around at the same time. In this first part, the only music heard is that of two bodies – their breathing and the friction noise of their movements on the floor. In the second part, the choreography evolves in parallel with music composed by Thierry De Mey and Peter Vermeersch. “Rosas danst Rosas” offers a symbology of fields of tension which have come to characterize Anne Teresa De Keersmaeker: the contrast between rational structure and emotion, the dialectics of aggression and tenderness, and the interaction of unison and counterpoint, uniformity and individuality. ¶ In the last 27 years, De Keersmaeker has created a series of memorable choreographed works. Her choreography is pure writing, with movement in time and space. At the core of her creations is the relationship between movement and music. Rosas is one of the few companies with a permanent group of dancers. Anne Teresa De Keersmaeker

O FASCÍNIO MINIMALISTA DO MOVIMENTO*

• Coreografia **Anne Teresa De Keersmaeker**
Criada por **Adriana Borriello, Anne Teresa De Keersmaeker, Michèle Anne De Mey, Fumiyo Ikeda** • Dançada por (4 bailarinas, elencos alternados) **Anne Teresa De Keersmaeker / Moya Michael, Cynthia Loemij, Sarah Ludi, Samantha Van Wissen ou Tale Dolven, Moya Michael / Sandra Ortega Bejarano, Elizaveta Penkova, Sus-Yeon Yoon** • Músicas **Thierry De Mey, Peter Vermeersch** • Músicos **Thierry De Mey, Walter Hus, Eric Sleichim, Peter Vermeersch**
• Desenho de Cena **Anne Teresa De Keersmaeker**
• Desenho de Luz **Remon Fromont** • Guarda-roupa **Rosas** • Produção **Rosas, Kaaitheater (1988) Hernemingen / Reposições: Rosas, La Monnaie / De Munt** • Estreia **6 de Maio de 1983, Théâtre de la Balsamine, Bruxelas, Apresentação no Kaaitheaterfestival** • Prémios **Bessie Award para desenho de luz, New York (1987), Bessie Award para coreografia, New York (1987), Eve du Spectacle, atribuído pela Association des Journalistes du Spectacle (1989)**
• Fotografia © **Herman Sorgeloos**
• Duração **100 min. s/intervalo** • Maiores de **8**

has opted for a model of a company which goes beyond ongoing projects, allowing for the intensive and continuous work of perfecting each one of her dancer's skills. This is why, in the larger company performances, all cast members take to the stage. In addition, there are also certain smaller productions in which De Keersmaeker herself appears. At the same time new creations are being conceived, the permanent group of dancers continues to perform their extensive repertory, allowing their artistic past to be handed down to new generations of dancers and audiences. The company has performed all over the world, maintaining a marked presence in Belgium, which remains a priority. The Rosas Company assumes its unequivocal mission of passing along knowledge in the field by dedicating energy and thoughtfulness to educational and community projects, ones which it fully intends to continue pursuing in the coming years.

The minimalist fascination with movement*

From the classic contract between the audience and the theatre – that which requires suspending reality for a moment – Anne Teresa De Keersmaeker claims the power to put doubt into the spectator. To the conscious unity of movements and meaning involved in “Rosas danst Rosas” is added the uncertainty of reactions. There is no nominal value which

Do contrato clássico que envolve o público e o teatro – o de suspender a realidade por um momento – Anne Teresa De Keersmaeker reclama esse poder que a dúvida provoca no espectador. À consciente unidade de movimentos e significado que envolve “Rosas danst Rosas” acrescenta-se a incerteza das reacções. Não há valor nominal que determine a exaustão do movimento, a sua interminável repetição, o poder de uma intensa energia física. E o que existe de padronizado no nosso quotidiano, na relação das expressões corporais ligadas às práticas mais prosaicas, não é confiável. Como também não é o acaso, o desvio, a geometria do grafismo dos nossos próprios traços. O vocabulário básico, reciclado a cada momento, não descarta a atenção reclamada pela expressiva linguagem do gesto. Sim, esse gesto tantas vezes repetido, mas repleto de uma inexorabilidade que insinua. No mecanismo de “Rosas danst Rosas” existe espaço para o enfado e o aborrecimento, aos quais o divertimento empresta a invenção dinâmica. À rapidez de movimentos sucede-se a sua lenta desmultiplicação. Nesta tensão criada, que oscila entre o solo, a solidez das cadeiras e a verticalidade dos corpos, há um fascínio minimalista do movimento que, momento a momento, constrói uma trama de expressões articuladas na mais profunda das paixões. A dança de Anne Teresa De Keersmaeker capta a nossa imediata atenção

determines the movement's point of exhaustion, its interminable repetition or the power to evoke intense physical energy. And those things that are patterned in our daily lives and in the relationship of corporal expressions linked to more prosaic practices cannot be trusted. The same is true with happenstance, detours and the geometry of the graphism of our own footsteps. The basic vocabulary, recycled at every moment, does not neglect to pay the attention owed to it by the expressive language of gesture. Yes, the so often repeated gesture that is so full of the unavoidability which it implies. In the mechanism of “Rosas danst Rosas” there exists a space for tedium and boredom, to which fun lends a sense of dynamic invention. The rapidness of movement occurs at a slow, de-multiplying pace. In the tension that is created, which drifts between the floor, the solitude of the chairs, and the verticality of the bodies, there is a minimalist movement of fascination that moment to moment constructs the framing for expressions articulated in the deepest of passions. The dance of Anne Teresa De Keersmaeker captures our immediate attention by its austerity. For twenty minutes, the breathing of four dancers gives the beat to the rhythm of the gestures which routine knows by heart

pela sua austeridade. Durante vinte minutos, a respiração de quatro bailarinas marca o ritmo de gestos que a rotina conhece de cor e que é marca de uma submissão de género que a intensa luta da modernização provoca. E é nesta sucessão de movimento que somos levados a inscrever as nossas emoções. Poderá a repetição levar à alucinação? À confusão ou intriga? ¶ A liberdade expressiva do corpo, própria do modernismo na dança, parece opor-se à rotina levada à exaustão que “Rosas danst Rosas” nos propõe. E se a liberdade que o corpo postula - como equivalência da alma, a ponto de ser a sua própria expressão - encerra em si o paradoxo que significa a perda do seu simbolismo, no minimalismo de De Keersmaeker fica patente o poder que lhe advém da sua inevitável imanência.

“ROSAS DANST ROSAS” CONHECEU DE IMEDIATO UM ENORME SUCESSO INTERNACIONAL E FOI APRESENTADA INÚMERAS VEZES PELO MUNDO INTEIRO. CONSIDERADA, HOJE EM DIA, COMO UM CLÁSSICO DA DANÇA CONTEMPORÂNEA, CONTINUA A SER UM VALOR SEGURO NO REPERTÓRIO DA COMPANHIA.

ROSAS DANST ROSAS” BECAME AN IMMEDIATE INTERNATIONAL SUCCESS AND WAS PERFORMED NUMEROUS TIMES ALL OVER THE WORLD. CONSIDERED NOWADAYS TO BE A CLASSIC OF CONTEMPORARY DANCE, IT CONTINUES TO BE A CORNERSTONE IN THE COMPANY'S REPERTORY.

and which is the indication of a submission of genre caused by the intense struggle for modernization. And it is in this succession of movement that we are invited to inscribe our emotions. Might this repetition lead to hallucination? To confusion or intrigue? ¶ The body's freedom of expression, unique to the modernism of dance, appears to be at odds with the routine actions taken to the point of exhaustion which “Rosas danst Rosas” offers. And if the freedom which the body affords – as the equivalent of the soul, the point at which we are our own expression – is, in and of itself, the paradox which symbolizes the loss of its symbolism, then the minimalism of De Keersmaeker clearly shows the power which comes from its inevitable immanence.

ENTRE TODAS AS COISAS

QUARTA-FEIRA 16 / QUINTA-FEIRA 17*

22:00 / * 11:00

PEQUENO AUDITÓRIO

Projecto B, em desenvolvimento desde Janeiro de 2009, é um projecto de pesquisa, experimentação, sensibilização e criação coreográfica cuja força motriz é a procura da beleza, “lugar em comum” entre os seus intervenientes. Propositadamente entendido no tempo, envolve ateliers, conversas e outras actividades que visam estabelecer uma relação de partilha, troca e enriquecimento mútuo. Interessando-se, pois, pela visão, planos e estratégias que cada um pode criar para que a procura B possa ter lugar, ele será, por fim, um álbum, uma colecção dos processos, experiências e vivências de todos aqueles que, permanente ou temporariamente, dele fizeram parte. O Projecto B não pretende definir o que é a beleza, mas gostaria de contribuir para relembrar a sua importância: relembrar e despertar são parte dos seus objetivos. Despertar para quê? Para o âmago – de mim, de ti (de nós) e de todas as coisas. Procurar, no fundo, a essência: perceber o que acontece no ser quando se procura este contacto e o que pode ser criado a partir dessa experiência.

“ENTRE TODAS AS COISAS” É O SEGUNDO OBJECTO COREOGRÁFICO A SER CRIADO NO ÂMBITO DO PROJECTO B. DEPOIS DA PROCURA REALIZADA A SOLO QUE DEU ORIGEM À PEÇA “NA TERRA A OLHAR O CÉU” EMPREENDO NOVA BUSCA, DESTA VEZ A TRÊS. NESTA VIAGEM DE MIM ATÉ AO OUTRO, VISLUMBRO O “ENTRE” E RECONHEÇO-O ENTRE TODAS AS COISAS. QUAL É A NATUREZA DESTA “ENTRE”? É UM ESPAÇO? É UM ESTADO OU UM SENTIMENTO? É UM “CORPO”? UMA POTENCIALIDADE? É TEMPO? É ENERGIA? É BELEZA OU CONTÉM BELEZA? É SILÊNCIO? É TRANSFORMAÇÃO? PODEREI PRESENTI-LO, PERCEBÊ-LO? E SE EXISTE ENTRE TODAS AS COISAS É ALGO QUE AS SEPARA OU QUE AS UNE? E A NÓS, ONDE NOS LEVA?
TERESA PRIMA, 14 JANEIRO 2011

“ENTRE TODAS AS COISAS” (IN ENGLISH, “AMONG ALL THINGS”) IS THE SECOND CHOREOGRAPHIC PRODUCTION FROM PROJECTO B (THE B PROJECT). AFTER THE DEMAND WHICH LED TO THE CREATION OF THE SHOW, “NA TERRA A OLHAR O CÉU” (“ON THE GROUND LOOKING AT THE SKY”), THE SEARCH WENT OUT FOR SOMETHING NEW, THIS TIME FOR THREE PERFORMERS. IN THIS JOURNEY FROM MYSELF TO THE OTHER, I GLANCE AT THE “IN-BETWEEN” AND RECOGNIZE THE AMONG-NESS OF ALL SORTS OF THINGS. WHAT IS THE NATURE OF THIS “AMONG”? IS IT SPACE? IS IT A STATE OF BEING OR A FEELING? IS IT A “BODY”? A POTENTIAL? IS IT TIME? IS IT ENERGY? IS IT BEAUTY OR DOES IT CONTAIN BEAUTY? IS IT SILENCE? IS IT TRANSFORMATION? WILL I BE ABLE TO FEEL IT, UNDERSTAND IT? AND IF IT EXISTS AMONG ALL THINGS, IS IT SOMETHING WHICH SEPARATES THEM OR UNIFIES THEM? AND US, WHERE DOES IT TAKE US?

TERESA PRIMA, JANUARY 14, 2011

“ENTRE” PELAÇÕES*

“entre todas as coisas”, em estreia nacional no Centro Cultural Vila Flor, é o segundo objecto coreográfico a ser criado no âmbito do Projecto B, de Teresa Prima, e cuja força motriz assenta na procura da beleza por parte de todos os seus intervenientes. Em desenvolvimento desde Janeiro de 2009, o Projecto B pretende ser local de partilha e enriquecimento mútuo, reclamando a si o epíteto de repositório de memórias e experiências vividas por todos os que dele fizeram parte.

Mais do que uma tentativa de definição da beleza, importará despertar para a essência humana, para o “âmago de mim, de ti (de nós) e de todas as coisas”. ¶ Depois do solo que protagonizou em “na terra o olhar o céu”, Teresa Prima empreende uma nova busca, agora a três. “Nesta viagem de mim até ao outro, vislumbro o ‘entre’ e reconheço-o entre todas as coisas. Qual é a natureza deste ‘entre’?”. Poderão estas interrogações, lançadas pela coreógrafa, prescindir da consciência e deixar o corpo, esse organismo que conhece sem pensar, presentir o caminho que percorre até ao outro? Se a experiência precede sempre qualquer teoria, entre todas as coisas será um lugar para o acontecer, para o vivificar da procura incessante, para a luta que travamos com o desconhecido e o indeterminado. A inquietação do vazio interpela-nos, incita-nos a perceber o espaço, o entre mim e ti. As perplexidades desta procura não emanam da certeza, antes da forte dúvida que caracteriza o ser humano. Existirá esse “entre”? Teresa Prima interroga-se: “é um espaço? é um estado ou um sentimento? é um ‘corpo’? uma potencialidade? é tempo? é energia? é beleza ou contém beleza? é silêncio? é transformação? poderei senti-lo, percebê-lo?”. ¶ O

visível e o imaginável não devem negligenciar a mediação do corpo, ele próprio movimento que vagueia no espaço oscilante. O seu poder semântico, desvelador, é no entanto parte da equação. No desenhar que opera, o corpo molda o “entre”, metamorfoseia a sua aparência, esconde a sua forma. “entre todas as coisas” será uma procura longa e, por isso, carregada do labor pungente das grandes caminhadas. “E se existe entre todas as coisas é algo que as separa ou que as une? E a nós, onde nos leva?”

EM DESENVOLVIMENTO DESDE JANEIRO DE 2009, O PROJECTO B PRETENDE SER LOCAL DE PARTILHA E ENRIQUECIMENTO MÚTUO, RECLAMANDO A SI O EPÍTETO DE REPOSITÓRIO DE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR TODOS OS QUE DELE FIZERAM PARTE.

UNDER DEVELOPMENT SINCE JANUARY 2009, THE B PROJECT SEEKS TO BE A PLACE FOR MUTUAL SHARING AND ENRICHMENT, CLAIMING THE TITLE OF REPOSITORY OF MEMORIES AND EXPERIENCES OF ALL THOSE WHO HAVE TAKEN PART IN IT.

About Projecto B

Projecto B (The B Project), under development since January 2009, has been an endeavor involving artistic exploration, experimentation, sensitizing and choreography whose driving force is the pursuit of beauty, the “places in common” among the participants. Intentionally extended over time, it involves workshops, conversations and other activities which seek to establish a relationship of mutual sharing, exchange and enrichment. Thus interested in the vision, plan and strategies which each one can create so that the B search can take place, there will be at the end an album, a collection of processes, experiences and moments where all, permanently or temporarily, left their mark by taking part. The B Project does not claim to define what beauty is, but would rather contribute by reminding us of its importance: reminding and awakening are part of their objectives. Awaken to what? To the central core – of myself, of you (of ourselves) and of all things. In the end, to seek out the essence: to understand what happens in the being when it seeks out this contact and what can be created from this experience.

calling out from “among”*

“entre todas as coisas” (“among all things”), which will be premiered in Portugal at the Vila Flor Cultural Centre, is the second project coming from Projecto B (The B Project) and Teresa Prima, whose driving force is the pursuit of beauty by all the participants. Under development since January 2009, the B Project seeks to be a place for mutual sharing and enrichment, claiming the title of repository of memories and experiences of all those who have taken part in it. More than an attempt to define beauty, it is more important to awake others to the human essence, to “the core of myself, of you (of ourselves), and of all things.” ¶ After her solo work in “na terra o olhar o céu” (“on the ground looking at the sky”) Teresa Prima has now taken on a three-person endeavor. What is the nature of this “among”? Could these questions, brought up by the choreographer, dispense with consciousness and leave the body, this organism which knows without thinking, feel the pathway it takes to arrive at the Other? If experience always precedes any type of theory, among all things there will be a place for happenings, for the enlivening the never-ending search, for the struggle which we take up with the unknown and the indeterminate. The troublesome void calls to us, encourages us to understand the space between me and you. The perplexities of this search do not emanate from certainty but rather from the strong doubt which characterizes human beings. Does this “among” exist? Teresa Prima poses the question: “Is it space? Is it a state of being or a feeling? Is it a “body”? A potential? Is it time? Is it energy? Is it beauty or does it contain beauty? Is it silence? Is it transformation? Will I be able to feel it, to understand it?” ¶ The visible and the imaginable should not neglect the mediation of the body, itself the expression of movement which wanders in the wavering space. Its semantic and unveiling power is part of the equation. In the designing which takes place, the body molds the “among,” metamorphoses its appearance and hides its shape. “entre todas as coisas” (“among all things”) will be a long search, and thus laden with the pungent fragrances enjoyed during very long walks. “And if it exists among all things, is it something which separates them or brings them together? And us, where does it take us?”

ELECTRA A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA COMPANHIA OLGA RORIZ

QUINTA-FEIRA 17
22:00
GRANDE AUDITÓRIO

DE REGRESSO AO CENTRO CULTURAL VILA FLOR, OLGA RORIZ APRESENTA DUAS CRIAÇÕES NA MESMA NOITE. NA PRIMEIRA PARTE DO ESPECTÁCULO, OLGA RORIZ INTERPRETA O SOLO “ELECTRA”. NA SEGUNDA PARTE, A COREÓGRAFA APRESENTA A SUA PRÓPRIA VERSÃO D’ “A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA”, DE IGOR STRAVINSKY, UMA DAS MAIS IMPORTANTES OBRAS SINFÓNICAS DO SÉCULO XX.

RETURNING ONCE AGAIN TO THE VILA FLOR CULTURAL CENTRE, OLGA RORIZ WILL PRESENT TWO WORKS ON THE SAME NIGHT. IN THE FIRST PART, OLGA RORIZ WILL PRESENT HER SOLO WORK, “ELECTRA.” IN THE SECOND PART, THE CHOREOGRAPHER PRESENTS HER OWN VERSION OF “THE RITE OF SPRING” BY IGOR STRAVINSKY, ONE OF THE MOST IMPORTANT SYMPHONIC WORKS OF THE 20TH CENTURY.

• Direcção Artística **Teresa Prima** • Co-criação e Interpretação **Isabel Costa, Teresa Santos e Teresa Prima** • Sonoplastia/operação **Baltazar Molina** • Design de Luz/operação **Rui Maia** • Produção Executiva **Olga Almeida** • Figurinos **Patricia Costa** • Gestão de Projecto **PI-Produções Independentes** • Fotografia **Teresa Santos** • Agradecimentos **Arvind Rane, Sujay Saple, Fernanda e Torcato** • Parceiros **ContagiarTE e Centro de Formação Cultural Acaro/ContagiarTE** • Apoio **Radar 560** • Fábrica da Rua da Alegria, Patricia Costa • Co-produção **Centro Cultural Vila Flor** • Duração **60 min. s/intervalo** • Maiores de 6

A MINHA ELECTRA

“Electra” surge de um longo percurso de solos da coreógrafa Olga Roriz iniciados em 1988, onde em cada uma dessas criações se revela o cunho pessoal da autora/intérprete. Todos esses solos são fruto não do acaso ou circunstância mas sim de um encontro e confronto consigo própria. Os seus solos nascem de uma urgência, de uma evidente necessidade, da invasão de uma ideia que se instala e a impele a um desafio sem retorno. Assim surgiu a personagem de “Electra” talvez num sonho, colando-se à pele como uma saga. Pouco lhe importará a narração da história que a envolve mas sim os contornos dessa complexa personagem.

Electra

“Electra” is the result of the long path of solos begun by Olga Roriz in 1988 in which each of her creations has revealed the unique hallmark of this artist and choreographer. These solos are not the fruit of happenstance or circumstance but rather of an encounter and confrontation with the very self. Her solos are born out of urgency, from an evident necessity, of the invasion of an idea that becomes set and beckons to a challenge from which there is no return. Thus the character of “Electra” has appeared as in a dream, sticking to the skin like a saga. The narration of the surrounding history may be of little matter when faced with the contours of a personality as complex as this.

My Electra

The scenes have come undone and are apparently with no common relationship or objective; however, they continue to unveil a type of mysterious character. It is as if there were a latent uneasiness in that woman, one in which each moment and each place she passes through is as much enlarged as erased by those who come after her. Each scene, each passage carries with it a strange force, an experience and a certainty which is set with the first gesture. The banal gestures between scenes carry the weight of what has just transpired, turning these actions into scenes. This is a woman who neither thinks nor feels. She tortures herself, forces herself, negates herself...She punishes herself by adding new ways of acting, being, lamenting her fate, preparing herself, struggling... for never

A MINHA ELECTRA

As cenas são descoladas e aparentemente sem relação ou objectivo comum, no entanto, vão desvendando uma espécie de personagem misteriosa. É como se houvesse uma inquietação latente naquela mulher, onde cada momento e cada lugar por onde passa tanto são acrescentados como anulados pelos que se seguem. Cada cena, cada passagem tem uma força estranha, uma vivência e uma certeza que se instala desde o primeiro gesto. As acções banais entre as cenas carregam a carga do que acabou de fazer, tornando essas acções, também elas, em cenas. É uma mulher que não pensa nem sente. Ela tortura-se, obriga-se, anula-se... Castiga-se a passar o tempo congeminando uma nova forma de agir, de estar, de se lamentar, de se preparar, de lutar, ...de jamais se esquecer. Não há resignação, não há desistência, apenas por vezes uma espécie de falso e tranquilo abandono. Ela mostra sem pudor a sua força e a sua fraqueza, a sua nobreza e a sua humilhação. Ela é uma mulher assustadoramente presente na sua ausência. Os seus olhares para o exterior de si são os únicos indicativos da sua espera onde o tempo não existe. Ela nunca se expõe, apenas se dispõe. *Olga Roriz, 24 de Novembro de 2009*

more to forget. There is no resignation, there is no giving up, just occasionally a sort of false and tranquil abandonment. She unabashedly shows her strength and weakness, her nobility and her humiliation. She is a woman frighteningly present in her absence. Her glances outside herself are the only indications of her waiting in the spot where times does not exist. She never exhibits herself, she just puts herself at your disposal. *Olga Roriz, November 24, 2009*

CADA CENA, CADA PASSAGEM TEM UMA FORÇA ESTRANHA, UMA VIVÊNCIA E UMA CERTEZA QUE SE INSTALA DESDE O PRIMEIRO GESTO. AS ACÇÕES BANAIS ENTRE AS CENAS CARREGAM A CARGA DO QUE ACABOU DE FAZER, TORNANDO ESSAS ACÇÕES, TAMBÉM ELAS, EM CENAS.

EACH SCENE, EACH PASSAGE CARRIES WITH IT A STRANGE FORCE, AN EXPERIENCE AND A CERTAINTY WHICH IS SET WITH THE FIRST GESTURE. THE BANAL GESTURES BETWEEN SCENES CARRY THE WEIGHT OF WHAT HAS JUST TRANSPIRED, TURNING THESE ACTIONS INTO SCENES.

THE RITE OF SPRING

The Rite of Spring

Choreographing Igor Stravinsky’s “Rite of Spring” can never happen by chance, nor should it have a deadline nor be some outside commission subject to the whims of an artist. The Rite is a piece that waits for its moment, for the right place, for the will and for an inevitable desire. The Rite is a challenge, a risk, a precipice overlooking the abyss into which I crazily threw myself with all the passion I could muster.

A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA

Coreografar “A Sagração da Primavera”, de Igor Stravinsky, nunca pode acontecer por acaso nem ter data marcada ou ser uma encomenda alheia à vontade do criador. A Sagração é uma peça à espera do momento, do lugar certo, duma vontade, de um desejo incontornável. A Sagração é um desafio, um risco, um precipício no abismo ao qual loucamente me lancei com toda a minha paixão.

A MINHA SAGRAÇÃO

Apenas o facto de escrever ou deixar escapar-me da boca a conjugação destas duas simples palavras «a minha Sagração», me transtorna a mente, o coração, a flor da pele. O tempo parece não ter passado desde que, ainda jovem, interpretei o papel da eleita do coreógrafo Joseph Roussillo no Ballet Gulbenkian. O tempo parece não ter passado desde a primeira vez que vi, num minúsculo televisor, a versão de Pina Bausch e ter decidido nunca coreografar esta peça. O tempo parece não ter passado desde a polémica estreia de Nijinsky/Stravinsky. Mas o tempo passou e a obra perdura no nosso imaginário cultural. O fascínio e respeito pela partitura foram determinantes para a minha interpretação, construção dramatúrgica e coreográfica da peça. A fidelidade ao guião de Stravinsky foi, desde o início, o único caminho com o qual me propus confrontar. No entanto, dois aspectos se distanciaram do conceito original. Visões personalizadas que imprimem à história uma lógica mais possível à minha compreensão, mais apazível à minha manipulação. Em 1.º lugar concedi ao personagem do Sábio um protagonismo invulgar, sendo ele que inicia a peça. Ainda em silêncio e durante todo o Prelúdio habita o espaço solitário e vazio traçando nos seus gestos um percurso de premunição, antecipação e preparação do terreno para o ritual. A 2.ª opção, que se distancia drasticamente do conceito original, reside no facto de o personagem da Eleita não ser tratada como uma vítima no sentido dramático da questão. A minha Eleita sente-se uma privilegiada e quer dançar até sucumbir. Em nenhum momento se sente obrigada ou castigada nem o medo a invade. Ela expõe a sua força e energia vitais lutando cegamente contra o cansaço. *Olga Roriz, 10 de Maio de 2010*

My Rite

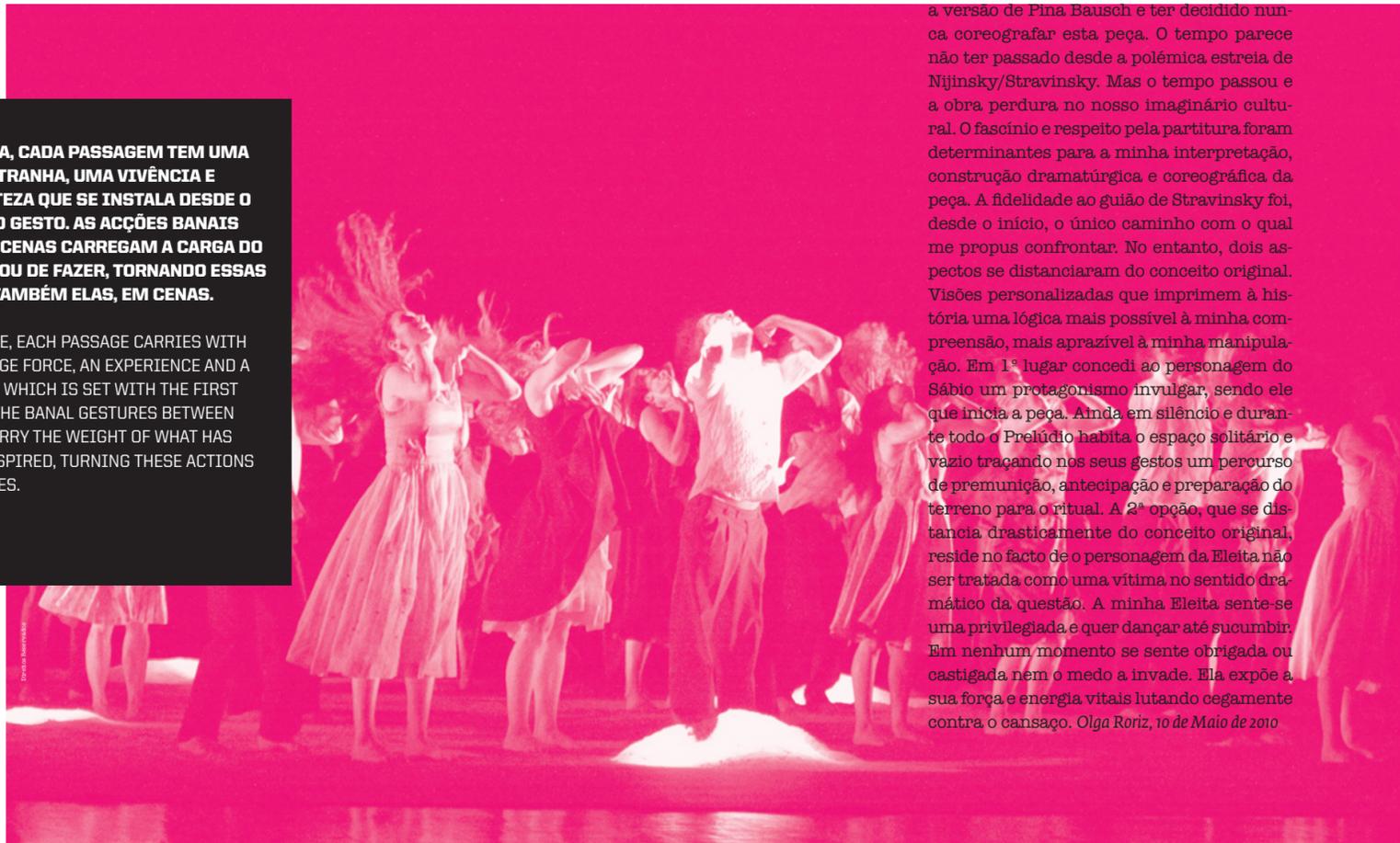
It is merely the fact of having once written or let slip from my mouth those four simple words, “My Rite of Spring” which throws my entire mind, heart and body into a loop. Time seems not to have passed since my younger days when I performed the lead role under choreographer Joseph Roussillo at the Gulbenkian Ballet. Time seems not to have passed since I saw for the first time, on a tiny television screen, the Pina Bausch version

and decided to never choreograph that piece. Time seems not to have passed since the problematic premiere featuring Nijinsky and Stravinsky. But time indeed has passed and the work lingers heavily in cultural imagination. The fascination and respect for the music were determining factors for my interpretation, dramaturgical construction and the choreography of the piece. Faithfulness to Stravinsky’s script has been, since the beginning, the only way I can propose to confront

it. However, two aspects have distanced us from the original concept: personalized visions which print onto history a more possible logical than that of my understanding, more pleasant than my manipulation. In the first place, I have assigned to the Wise Man the role of unexpected protagonist, and he starts off the show. In silence while the Prelude plays, he inhabits the solitary and empty space tracing his gestures with premonition, anticipation and preparation of the territory for the ritual. The second option, one drastically distant from the original concept, resides in the fact that my Chosen One should not be treated as a victim in the dramatic sense of the issue. My Chosen One should feel privileged and want to dance until she succumbs. At no time should the Chosen One feel obliged or punished, nor should she ever be taken over by fear. She exhibits her vital strength and energy blindly fighting against fatigue. *Olga Roriz, May 10th, 2010*

The manifestation of absence *

“Electra” is a solo work by Olga Roriz inspired by ancient mythology, a theme frequently used in choreographic creations, one which accentuates the transversal nature of these timeless classical themes that touch upon the human experience and indelibly mark our contemporary cultural fabric. But “Electra,” far from wanting to narrate the mythical story, is an exercise in permanently questioning what characterizes the artist and what constitutes the source of continuous renewal and unpredictability. It is in this dance that seeks to grab at you that Roriz displays her strong dramatic energy, tapping into the depths of human perplexity that calls out for scrutiny. ¶ “Electra” is a space open to self-reflection, to the distance created between what we deem something to be and what we feel something to be, and to the improvisation which brings to the surface the fragmented consciousness that what we feel is attached, yet able to be manifest. Blended in with this manifestation of the impossible is the ambivalence of the story that should be told which at the same time is boiling over with intention. The loneliness which binds the performer to the space is like a shaft of light piercing into him. There is a gloomy ageing process which insinuates a “false and calm sense of abandonment,” a negative space filled by the inevitable absence



A MANIFESTAÇÃO DA AUSÊNCIA*

“Electra” é um solo de Olga Roriz inspirado na mitologia clássica, temática não raras vezes utilizada nas criações artísticas da coreógrafa e que acentua uma transversalidade dos temas clássicos, latente em toda a vivência do ser humano, que marca indelevelmente a trama cultural contemporânea. Mas, “Electra”, longe de querer narrar a história mítica, é um questionamento permanente que caracteriza a artista e que se constitui como fonte de contínua renovação e imprevisibilidade.

É é nessa dança que se pretende “agarrar” que Roriz empresta uma forte energia dramática, percorrendo o mais fundo da perplexidade humana que urge perscrutar. ¶ “Electra” é um espaço aberto à auto-reflexividade, à distância que se cria entre o que julgamos ser e o que sentimos ser, à improvisação que faz emergir a fragmentada consciência de que o que sentimos é eternamente agrafo, contudo, passível de ser manifestado. Nessa manifestação do impossível fundem-se as ambivalências de algo que está por contar e que, simultaneamente,

of what I am searching for in myself. ¶ In “Electra” we are presented with the impossibility of the language which results from the annulment of each instant. We are presented with the inevitable continuity which dissipates the phoneme. Paradoxically, it is in the juxtaposition of the movement and the confrontation with the audience that the contradictions of being a woman “frighteningly present in her absence” are resolved. ¶ The aggressiveness of “Electra” is displayed in the vengeance which pain awakens. In “Electra” this pain exists in ruins which are leftovers from the past and which are incessantly sought out in intimacy. But pain is not necessarily an inhabitable space. Nor is it a doable space. Between the artist and the choreographer a world of strangeness is drawn which allows for a sudden passing from a state of immanence to a state of lucid absence, without ever having to resign.

fervilha de intenção. A solidão que prende a intérprete ao espaço é como uma luz apontada ao seu interior. Há uma senescência elegiaca que postula um “falso e tranquilo abandono”, um espaço negativo que é preenchido pela inevitável ausência do que em mim procuro. ¶ Em “Electra” deparamo-nos com a impossibilidade da linguagem que resulta do anular de cada momento. Deparamo-nos com a inevitável continuidade que dissipa o fonema. Paradoxalmente, é na justaposição do movimento e no confronto com o público que se resolvem as antinomias de uma mulher “assustadoramente presente na sua ausência”. A arte de Roriz é uma arte à espera de ser compreendida e onde a espera parece não representar mais do que a necessidade. ¶ A agressividade de “Electra” é pautada pela vingança que a dor desperta. Em “Electra”, essa dor existe em ruínas que sobram do passado e que incessantemente se procuram na intimidade. Mas dor não é necessariamente um espaço inabitável. Nem sequer um espaço impraticável. Entre a intérprete e a coreógrafa, desenha-se um mundo de estranhezas que faz com que, de repente, se passe de um estado imanente a um estado de lúcida ausência, sem nunca resignar.

The “chosen” metonymy

Igor Stravinsky wrote a trilogy which would later forever become a bold and daring work in the history of the arts, an unexpected challenge made to rules and prescription marking the beginning of the modern age. After the Firebird in 1910 and Petrushka in 1911, the Rite of Spring was presented on May 29th, 1913 at the Théâtre des Champs-Élysées in Paris by Sergei Diaghilev’s Ballets Russes company and choreographed by Vaslav Nijinsky, soon to leave its indelible mark on the artistic languages of music and dance, representing above all, an iconic moment of innovation and rupture. Over the years this rhythmic and creative pulsations issuing from the Rite remained in the collective imagination of generations of dancers and musicians who, aspiring to free and ever-renewing expressions of creativity, claimed the right to use proxemics as a form of tribute. In her 30 years as a choreographer, Olga Roriz may well have turned to the words of Nijinsky himself, taken from his Notebooks, where he writes, “Listen! I am an artist, and so are you. We are artists, so let us love each other.” ¶ This passion which imbues the work of Olga Roriz allows her to fearlessly go out in her tireless search of the “desired object,” (although she once decided never to choreograph the piece) after having seen the Pina

A “ELEITA” METONÍMIA

Igor Stravinsky haveria de compor uma trilogia que ficaria na história da arte como um passo arrojado e arrebatador, como um inesperado desafio a regras e a prescrições, como o princípio do traço da modernidade. Depois de Pássaro de Fogo, em 1910, e Petrushka, em 1911, A Sagração da Primavera, apresentada em 29 de Maio de 1913 no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris, pela companhia Ballets Russes de Sergei Diaghilev, e coreografada por Vaslav Nijinsky, marca

indelevelmente a linguagem artística da música e da dança, constituindo-se, avant la lettre, um ícone de inovação e ruptura. Terá este pulsar rítmico e criativo ficado, durante longos anos, no imaginário colectivo de gerações de bailarinos e músicos que, aspirando a uma criação livre e sempre renovada, reservavam-se o direito ao uso da proxémica como forma de tributo. Após mais de 30 anos de percurso como coreógrafa, Olga Roriz ter-se-á socorrido das palavras de Nijinsky, grafadas nos seus Cadernos, e que dizem: “Escutem! Eu sou um artista, vocês, também. Somos artistas, por isso amamo-nos.” ¶ Esta paixão, que se inscreve na obra de Olga Roriz, permite-lhe lançar-se sem medo numa procura imparável do “objecto desejado”, ainda que tivesse decidido nunca coreografar a peça, após ter assistido, num minúsculo televisor, à versão de Pina Bausch. Entre distância e proximidade, abre-se o espaço necessário para que a coreógrafa manipule a obra, não como oposição radical, mas como reinscrição de memórias que se apoiam nas tensões que o acto criativo explora. Roriz afirma: “A Sagração há-de estar dentro de mim”, fazendo emergir o carácter dinâmico da herança cultural. Assim, a sua Sagração não

new, welcoming at the same time the traces of dialoguing that art permits. There is deep historical and cultural significance underlying the creation of the piece which converts the mind’s memory artifacts into the raw material. ¶ The contemporary need for freedom, emancipation and autonomy affords memory a privileged place, a fact justified by the faithfulness to the Stravinsky script that Roriz has agreed to handle. Yet it is in the interstitiality of the temporal dialogue that a new protagonist is found for the character of the Wise Man (who during the Prologue inhabits a lonely and empty space) and a new reading for the character of the Chosen One. Olga Roriz comments that “my Chosen One feels privileged and wants to dance until she succumbs. A no time does she feel obligated or punished, nor is she taken over by fear. She exhibits her vital strength and energy blindly fighting against fatigue.” It is in this metonymy that we encounter the creative pulsing of the artist and the core of renewal of her own symbolic elaborations.

“ELECTRA” É UM SOLO DE OLGA RORIZ INSPIRADO NA MITOLOGIA CLÁSSICA, TEMÁTICA NÃO RARAS VEZES UTILIZADA NAS CRIAÇÕES ARTÍSTICAS DA COREÓGRAFA E QUE ACENTUA UMA TRANSVERSALIDADE DOS TEMAS CLÁSSICOS, LATENTE EM TODA A VIVÊNCIA DO SER HUMANO, QUE MARCA INDELEVELMENTE A TRAMA CULTURAL CONTEMPORÂNEA.

“ELECTRA” IS A SOLO WORK BY OLGA RORIZ INSPIRED BY ANCIENT MYTHOLOGY, A THEME FREQUENTLY USED IN CHOREOGRAPHIC CREATIONS, ONE WHICH ACCENTUATES THE TRANSVERSAL NATURE OF THESE TIMELESS CLASSICAL THEMES THAT TOUCH UPON THE HUMAN EXPERIENCE AND INDELIBLY MARK OUR CONTEMPORARY CULTURAL FABRIC.

Bausch version on a small television screen. Between distance and proximity there opens the space necessary for the choreographer to manipulate the piece, not as a radical opposition but as the reinsertion of memories which are supported by the tensions which the creative act explores. Roriz explains, “The Rite will be inside me,” allowing the dynamic character of our cultural inheritance to emerge. Thus, her Rite does not dispense with temporal transformation as a reference for what is

prescinde do devir temporal como referência para o que é novo, acolhendo, ao mesmo tempo, os traços do dialogismo proporcionado pela arte. Há uma forte carga histórica e cultural que subjaz à criação da obra e que transforma os artefactos mentais da recordação na sua matéria-prima. ¶ A necessidade contemporânea de liberdade, emancipação e autonomia concede à memória um espaço privilegiado, facto justificado pela fidelidade ao guião de Stravinsky que a coreógrafa se propôs confrontar. Mas, na intersticialidade do diálogo temporal, é encontrado um novo protagonismo para a personagem do Sábio (que durante todo o Prelúdio habita o espaço solitário e vazio), e uma nova leitura para a personagem da Eleita. Diz Olga Roriz: “a minha Eleita sente-se uma privilegiada e quer dançar até sucumbir. Em nenhum momento se sente obrigada ou castigada nem o medo a invade. Ela expõe a sua força e energia vitais lutando cegamente contra o cansaço”. É nesta metonímia que encontramos o pulsar criativo da autora e o núcleo de renovação das suas próprias elaborações simbólicas.

1ª Parte ELECTRA
 • Coreógrafa e Interpretação **Olga Roriz**
 • Dramaturgia, Seleção Musical e Figurino **Olga Roriz e Paulo Reis** • Músicas **Gavin Bryars, Eleni Karaindrou, Erik Honore/Jan Bang, Carlos Zingaro, Benco & Hladnik, Richard Strauss**
 • Direcção de Ensaios e Cenografia **Paulo Reis**
 • Desenho de Luz **Clemente Cuba** • Pós-Produção Áudio, Desenho de Som e Montagem **Sérgio Milhano** • Construção da Cabeça de Rinoceronte **João Pedro Rodrigues** • Co-Produção **Companhia Olga Roriz e Teatro Nacional S. João, OPART**
 • Estreia a **28 de Janeiro de 2010** no **T. Camões**
 • Duração **60 min.**

Intervalo

2ª Parte A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA
 • Direcção e Coreógrafa **Olga Roriz**
 • Música **Igor Stravinsky** - “A Sagração da Primavera”, **Herbert Von Karajan (1965)** com a **Orquestra Filarmónica de Berlim** • Cenário **Pedro Santiago Cal** • Figurinos **Olga Roriz e Pedro Santiago Cal** • Desenho de Luz **Clemente Cuba**
 • Ensaiadora **Sylvia Rijmer**
 • Intérpretes • Eleita **Marta Lobato Faria**
 • Sábio **Júlio Filipe** • Mulheres **Carla Weissmann, Catarina Gâmara, Eliana Garcia, Mariene Vilhena Rafaela Salvador, Maria Cerveira, Sylvia Rijmer, São Castro**
 • Homens **Bruno Alexandre, Bruno Alves, Filipe Baracho, Hugo Goepf, Hugo Martins, Pedro Santiago Cal, Ricardo Machado, Ricardo Teixeira, Yonel Serano**

• Equipa Técnica • Técnico de Som **Miguel Mendes** • Técnico de Luz **Daniel Verdades**
 • Assistente da Direcção Artística **Laura Moura**
 • Assistente de Guarda-Roupa, Cenário e Adereços **Maria Ribeiro, Joana Veloso** • Costureira **Florinda Basílio** • Director de Produção **Pedro Quaresma** • Produtores Executivos **Teresa Brito, José Madeira**
 • Co-Produção **Companhia Olga Roriz com a Fundação Centro Cultural de Belém** • Estreia a **29 de Maio de 2010** no **Grande Auditório do C.C.B.**
 • Duração **33 min.** • Maiores de **16**

• A Companhia Olga Roriz é financiada pelo **Ministério da Cultura/DGArtes** • Espaço cedido por **Tranquilidade** • Consultadoria/Fundraising **Spark, Arts Consulting** • Apoio Jurídico **FLM3, Sociedade de Advogados, RL**



AR AO VENTO DE LÍGIA SOARES ERA UMA COISA MESMO MUITO ABSTRACTA DE ANDRESA SOARES

SEXTA-FEIRA 18
22:00
PEQUENO AUDITÓRIO

AR AO VENTO

“Ar ao Vento” propõe a criação de uma peça de teatro que, ao invés de nos transportar para uma qualquer dimensão teatral, ocupa o teatro nos seus 55’ de duração, desperta para o vazio da sua dimensão temporal, tal como para o vazio dos seus metros quadrados de espaço. Ela ocupa igualmente o espaço de liberdade do espectador. Não por este ser impellido a fazer o que quer que seja, mas por uma constante denúncia da sua passividade e pela tentativa desta voz de lhes adivinhar os pensamentos, tentando definir a sua percepção e invadindo o espaço privado das suas interpretações pessoais. Este projecto procura assim anular a representação, no sentido em que todos os acontecimentos em palco são uma consequência real de um processo alimentado por uma relação de expectativas. E a expectativa em si, que está aqui na sua “forma pura”, não esperando nada em concreto, revela ser, no entanto, um pungente impulsor de discurso.

Ar ao Vento

“Ar ao Vento” (“Air in the Wind”) proposes a show which, instead of sending us off to some theatrical dimension, occupies the theatre space for 55 minutes and awakens us to the emptiness of the temporal dimension, as well as to the emptiness of an area measured out in square meters of space. It also occupies the audience’s space of freedom, not because the audience is compelled to do whatever it decides, but because it bends to the constant denouncement of passiveness and the voice’s attempt to guess at thoughts, which seeks to define understanding and invade the private space of personal interpretation. This piece also seeks to cancel out representation in the way that all events on stage are the real consequence of a process fed by a relationship of expectations. The expectation in itself, which is in its “pure form” which expects nothing concrete, reveals itself to be an acerbic driving force for discourse.

ERA UMA COISA MESMO MUITO ABSTRACTA

“Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta” é um solo coreográfico de Andresa Soares com música original de João Lucas. O espectáculo surgiu da vontade de desafiar o estranho mundo da abstracção, refreando o impulso de querer dizer alguma coisa para mergulhar numa espécie de abnegação expressiva. Assente na convicção que o movimento contém em si, ideias, procurou-se criar uma linguagem cujos significados e significantes têm a duração do momento em que são criados. Começou-se na casa da partida e

COMEÇOU-SE NA CASA DA PARTIDA E DESENOLOU-SE, COMO UM FIO QUE VEM DE TRÁS PARA SEGUIR EM FRENTE, UMA PROCURA DE MOVIMENTOS QUE SE REVELAM COMO PENSAMENTOS SEM PASSAREM, NA TOTALIDADE, PELO ENTENDIMENTO, MAS QUE CONFEREM À PEÇA UMA SENSÇÃO NARRATIVA.

IT BEGAN AS IF IN A WEAVING, WITH THE THREAD GOING BACK AND FORTH IN A SEARCH FOR MOVEMENT WHICH APPEAR AS THOUGHTS WHICH PASS IN THEIR ENTIRETY THROUGH UNDERSTANDING BUT WHICH GIVE THE SHOW A NARRATIVE FEELING.

Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta

“Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta” (“Once there was a thing that was really abstract”) is a solo piece choreographed by Andresa Soares with original music by João Lucas. The show emerged from the desire to throw a challenge out to the strange world of abstraction while holding back the desire to say something and plunge into a type of expressive abnegation. Firmly based upon the conviction that movement contains ideas inside itself, we sought to create a language whose signified and signifiers last for the duration of the moment in which they are created. It began as if in a weaving, with the thread going back and forth in a search for movement which appear as thoughts which pass in their entirety through understanding but which give the show a narrative feeling. Music as an “abstract material” models this sensation and casts it off into a sense of continuity, acting upon the reality which it has created like a transfiguring spirit which opens up and drives the potential for interpretation of events held within this moment of building the present.

desenrolou-se, como um fio que vem de trás para seguir em frente, uma procura de movimentos que se revelam como pensamentos sem passarem, na totalidade, pelo entendimento, mas que conferem à peça uma sensação narrativa. A música como “matéria abstracta” vem modelar esta sensação e lançá-la na continuidade, agindo sobre a realidade criada como um espírito transfigurador que abre e conduz possibilidades de interpretação dos acontecimentos nesse momento de construção de presente.

The dialectic of deconstruction*

To create expectations without committing to any type of meaning – it is based on the idea of non-commitment (but at the same time on the ability to instigate what the show can do to the audience) that Lígia Soares has chosen “Ar ao Vento” (“Air in the Wind”) as the title of her performance. Her pieces take off from the dialogue between writing and movement. If, at times, it is writing which gives origin to bodily expression, then there are moments in which movement is the precursor of writing. But if this semantic union between word and gesture is not born of a logical-narrative discourse, before the accumulation of contradictory expressions, then it is because it desires to give evidence to a visible fragility which comes out of the divergent positions of thought and action. The absence of meaning emerges thus as a challenge placed before the audience. ¶ “Ar ao Vento” (“Air in the Wind”) is fed upon words like a tool of abstract thought: “Right then, I agree to sit down here in front of you, but this is due to my enormous capacity for abstraction,” – this is how the show starts off. The performer, seated, begins a “dialogue” with the audience. A word game is begun that seems to invert the role of stage and audience, performance and spectator. The idea of bodies in action before a group of people brought together is constantly deconstructed by the “empty” discourse which is fed upon promises meant to be fulfilled. A person sitting quietly in a chair challenges the most basic conventions of performing, fleshing out the paradox of the spectator founded upon the idea that there can be no performance without the actor. Thus

A DIALÉCTICA DA DESCONSTRUÇÃO*

Criar expectativa sem se comprometer com qualquer significado. É com base nesta ideia de descomprometimento, mas ao mesmo tempo de poder instigador que o espectáculo exerce sobre o público, que Lígia Soares escolhe “Ar ao Vento” para título do seu projecto. As suas peças surgem a partir do diálogo entre escrita e movimento. Se, por vezes, é a escrita que dá origem à expressão corporal, momentos há em que o movimento é precursor da escrita. Mas, se desta união semântica entre palavra e gesto não nasce um discurso lógico-narrativo, antes um acumular de

expressões contraditórias, é por se querer evidenciar uma patente fragilidade que emerge das divergências entre pensamento e acção. A ausência de sentido surge assim como um desafio que se coloca ao fruidor. ¶ “Ar ao Vento” alimenta-se da palavra como ferramenta de pensamento abstracto: “Bom, eu suporto sentar-me aqui à vossa frente, mas isso deve-se à minha enorme capacidade de abstracção (...)”, começa a peça. A intérprete, sentada, enceta um “diálogo” com o público. Dá-se início a um jogo de palavras que parece inverter o papel entre o palco e a plateia, a performance e o espectador. A ideia de corpos em acção perante um público reunido é constantemente desconstruída pelo discurso “vazio” que se alimenta de promessas por cumprir. Uma personagem quieta, numa cadeira, desafia as mais básicas convenções do espectáculo, dando corpo a um paradoxo do

by the audience. Thus, from nothing all sorts of things can emerge. ¶ The performance is reduced to the elementary positions of the human body: being seated, standing, lying down, running to or away from the audience. In this way a causal link is built between expectation and action. But the piece is also a challenge to the spectator’s freedom. The audience is confronted with its passivity and with the inability revealed by the unusual. Dramatic quality resides in the moment’s absence of meaning. “Ar ao Vento” (“Air in the Wind”) dilutes the borders between performance, performer, and audience, and is founded on the dialectics of the deconstruction of acting that is required of an emancipated actor.

the main precept of the piece assumes the expectation of: “not a representation of that expectation, but the expectation itself, taken in its most simple dimension,” says Lígia Soares. The inability to know and to act seems to have reached the stage, such that for a few moments it is no longer seen as a stage for illusion and passivity. The action of the performer, required by the public, is confronted in the expectations that the performer has with respect to the possible perceptions held

pectation and action. But the piece is also a challenge to the spectator’s freedom. The audience is confronted with its passivity and with the inability revealed by the unusual. Dramatic quality resides in the moment’s absence of meaning. “Ar ao Vento” (“Air in the Wind”) dilutes the borders between performance, performer, and audience, and is founded on the dialectics of the deconstruction of acting that is required of an emancipated actor.

espectador que se sobrepõe à ideia de que não há performance sem actor. Assim, assume a expectativa o estatuto principal da obra: “(...) não uma representação dessa expectativa, mas a expectativa em si, olhada na sua dimensão mais simples”, diz Lígia Soares. A incapacidade de conhecer e de agir parece ter sido estendida ao palco teatral, deixando este, por momentos, de ser visto como um palco de ilusão e de passividade. A acção do performer, postulada pelo público, vê-se confrontada a partir das expectativas que o performer tem acerca da possível percepção da sua plateia.

A ABNEGAÇÃO EXPRESSIVA DO MOVIMENTO*

Encher o movimento de significado e torná-lo signficante foi o desafio que Andresa Soares impôs a si própria e que está na génese de “Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta”. Este solo coreográfico, com música de João Lucas, desafia o estranho mundo da abstracção através do “movimento pensado” a cada momento. Um movimento que se configura como uma espécie de “abnegação expressiva”, uma ascese que aspira, porventura, a combater a impraticabilidade da dupla articulação da linguagem, fazendo do momento em que é criada a sua única semântica. ¶ Desta soma

de expressões corporais, sem a tentativa de formalização, desvela-se uma narrativa que encontra na música uma perfeita, dir-se-á, cumplicidade. O jogo de luzes e sombras encarrega-se de prolongar a utilização do espaço para lá do corpóreo, criando um triplicado

dramatúrgico que, segundo Andresa Soares, procura situar-se o mais próximo possível da sua natureza abstracta. Assim, a improvisação dá origem ao momento que, isolado, constitui um fio narrativo que prescindir da compreensão do todo. Encontramo-nos perante a recusa da indução como mecanismo de compreensão, centrando-se a obra não no seu conteúdo, mas na sua forma. ¶ “Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta” postula uma capacidade de compreensão para lá das grandes narrativas. Trata-se de uma obra que vive da expressividade do fragmento, que se alimenta de uma linguagem marcadamente contemporânea. A plasticidade estética que nos é trazida pela imaterialidade sonora e pela linguagem corporal abre para as várias possibilidades da compreensão. Na “continuidade narrativa” da obra, somos lançados, permanentemente, em novos mundos de significação. Vivemos do instante da criação. Não **existe nem passado nem futuro, apenas o presente que tece a nossa existência**. De tudo isto, resta a certeza de estarmos perante uma criação artística que, seguramente, não nos deixará indiferentes.

ENCHER O MOVIMENTO DE SIGNIFICADO E TORNÁ-LO SIGNIFICANTE FOI O DESAFIO QUE ANDRESA SOARES IMPÔS A SI PRÓPRIA E QUE ESTÁ NA GÉNESE DE “ERA UMA COISA MESMO MUITO ABSTRACTA”.

TO IMBUE MOVEMENT WITH MEANING AND MAKE IT SIGNIFICANT IS THE CHALLENGE WHICH ANDRESA SOARES TOOK UPON HERSELF AND WHICH IS BEHIND THE SHOW, “ERA UMA COISA MESMO MUITO ABSTRACTA” (“ONCE THERE WAS A THING WHICH WAS REALLY ABSTRACT”).

Assim, do nada pode surgir o tudo. ¶ A performance é reduzida a posições elementares do corpo humano: estar sentada, de pé, andar, deitar, correr, de frente ou de costas para o público. Constrói-se, desta forma, uma ligação causal entre expectativa e acção. Mas a obra é também um desafio à liberdade do espectador. Ele é confrontado com a sua passividade e com a incapacidade revelada perante o inusitado. A qualidade dramática vive da ausência de sentido do momento. “Ar ao Vento” dilui as fronteiras entre espectáculo, performer e espectador, assentando na dialéctica da desconstrução da representação que postula um actor emancipado.

The expressive abnegation of movement*

To imbue movement with meaning and make it significant is the challenge which Andresa Soares took upon herself and which is behind the show, “Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta” (“Once there was a thing which was really abstract”). This solo piece, with music by João Lucas, challenges the strange world of abstraction via “thought out movement” at all times. A movement is configured as a type of “expressive abnegation,” and an asceticism which aspires, by chance, to combat the impracticality of the double articulation of language, making the moment in which it is created its only semantic. ¶ From this sum of body expression, with no attempt at formalization, a narrative is

unveiled which encounters in the music, we dare say, a perfect intimacy. The play of lights and shadows is in charge of prolonging the use of space beyond that of the body, creating a dramaturgical triplet which, according to the Andresa Soares, seeks to situate itself as close as possible to its abstract beauty. Thus, improvisation is the origin of that moment which, though isolated, constitutes the narrative thread which dispenses with the understanding of everything. We meet before the refusal of suggestion as a mechanism for understanding, with the piece being centered not on its content but on its form. ¶ “Once there was a thing which was really abstract” requires a capacity for understanding which goes beyond grand narratives. This is a piece which takes life from the expressiveness of the fragment, which is nourished from a markedly contemporaneous language. The aesthetic plasticity which is brought in by the sound immaterialness and the full language of the body opens things up to the various possibilities for comprehension. In the “narrative continuity” of the piece, we are permanently tossed into new worlds of meaning. We live in the instant of creation. There is no past or future, only the present, which weaves our existence. From out of all this there remains the certainty that we are placed before an artistic creation which surely will not leave us indifferent.

Ar ao Vento
• Conceito, Texto e Interpretação **Lígia Soares**
• Assistência, Dramaturgia **Thierry Decottignies**
• Música **Excerto de Musique pour Cordes, Percussion et Celesta, Béla Bartók, Detroit Symphony, A. Dorati** • Desenho de **Luz Alexandre Costa** • Peça criada em Berlim com o apoio a projectos pontuais da GDA - Gestão dos Direitos dos Artistas. • Conta com apresentações em Berlim, Lisboa, Paris e Belgrado.
• Duração **50 min.** • **Maiores de 12**

Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta
• Coreografia e Interpretação **Andresa Soares**
• Música **João Lucas** • Desenho de **Luz Alexandre Costa** • Banda sonora original criada por **João Lucas**, editada em Junho de 2009 pela **Creative Sources** com o título “Abstract Mechanics”
• Peça criada com o apoio do **Ministério da Cultura/DGArtes e da Fundação Calouste Gulbenkian**. • Duração **50 min.** • **Maiores de 12**

BABEL

(WORDS)

SÁBADO 19
22:00
GRANDE AUDITÓRIO

SIDI LARBI
CHERKAOUI
& DAMIEN JALET

A gênese do espectáculo teve lugar logo no primeiro dia de ensaios quando um microcosmo de 18 bailarinos de 13 países, com 15 línguas diferentes, 7 crenças religiosas e vários estilos de dança, se reuniu aos coreógrafos Sidi Larbi Cherkaoui e Damien Jalet e ao artista visual Antony Gormley para juntos embarcarem numa nova viagem. E foi neste turbilhão de identidades, nacionalidades e culturas que encontraram a sua inspiração. Um lugar onde a linguagem é verbal e física, onde se une e divide, onde a comunicação é possível e impossível, onde o sentido não tem sentido nenhum. Tanto na construção, como na produção do espectáculo, “Babel” cresceu como uma cidade de multiplicidades, uma cadeia de possibilidades onde os grandes alicerces tridimensionais de Antony Gormley são erguidos, deitados abaixo e transformados, como se não fossem feitos de nada mais do que os nossos pensamentos. O espaço é dividido e tomado, criando territórios, eixos e fronteiras que fazem lembrar as por vezes

casuísticas e por vezes mortais divisões geopolíticas das terras e também evocar as fronteiras e limites que impomos a nós próprios e aos outros. Oferecendo também abrigo e alívio num cenário de caos e complexidade, as estruturas permitem momentos ternos, privados e íntimos, sem ou quais nenhum de nós poderia sobreviver. A cidade não é muito diferente da paisagem na qual o filósofo francês Michel de Certeau passeia na sua obra “A prática da vida quotidiana”, onde os andarilhos vacilam na tomada de decisões, não sabendo o que fazem, nem porque o fazem. As pessoas tropeçam nas escolhas de crença, comunidade e identidade, que simultaneamente dão apoio, fecham portas, constroem muros e estabelecem limites. E, claro, constroem torres de marfim, não só como manifestação de estatuto e riqueza, mas também na procura de alguma espécie de conhecimento superior e esclarecimento. A vista aérea e a distância desses padrões silenciosos trazem sentimentos de conforto, controlo e ordem, porque, tal como está escrito

naquele velho anúncio no topo do Empire State Building: “É difícil sentires-te em baixo quando estás em cima!”. Durante a sua criação, o espectáculo mostrou aos coreógrafos que o que estavam a fazer era colocar a Torre de Babel ao contrário: o que interessava não era a multiplicidade das nossas diferenças regionais, espirituais, linguísticas ou físicas, mas o laço profundo que nos une e as responsabilidades que todos partilhamos. No final do espectáculo, assistimos ao desmoronar das estruturas, definições e tecnologias que pretendemos impor aos nossos mundos geográficos, virtuais, políticos ou espirituais. Ficamos com algo mais primitivo, transcendente e unificado. Somos deixados uns com os outros. Acorrentados em conjunto pelos nossos neurónios e separados apenas pela nossa pele.

O CORPO COMO ABERTURA À ALTERIDADE*

Em Babel (Words), a linguagem do movimento significará, porventura, o elemento unificador da multiplicidade cultural contemporânea, o elo que estabelece o vínculo entre etnicidade e identidade, o apaziguamento do balbuciar que impede um acordo comum entre opostos. O corpo, continua fonte de inspiração, emerge como um dispositivo subtil de comunicação, lançando um olhar apriorístico sobre as confluências geradas pela diversidade do discurso, num processo de mediação sensorial que não se dilui na sua expressividade, mas que procura sublinhar as contradições do progresso e da ilusória união dos povos. ¶ Esta descodificação sensorial do mundo, que a cada instante se dá em cada um de nós, não poderá prescindir dos sinais corporais que escapam à nossa vontade e consciência, não perdendo, contudo, o seu significado social.

Para Cherkaoui, o corpo é uma ferramenta de expressão que não pode fugir à sua matriz cultural e racial e cuja proximidade poderá explicar a gênese de um dualismo assumido à partida: a linha divisória ente a vida e a morte, a pertença e a alienação, o oriente e o ocidente. Metonímias de um mundo que se afunda na mais ilusória das promessas de sofisticação, e para as quais a linguagem – aqui entendida como barreira – contribui decididamente. A crença originária que subjaz à natureza humana não encontra correspondência no caos provocado pela profusão de línguas, culturas e territórios. É no ritmo, um bailado de células nervosas que veiculam sentido e sentimentos sem a distorção das palavras, que Cherkaoui dilui a tensão criada pela diversidade, provocação e ruptura. ¶ O trabalho de Cherkaoui, Jalet e Gormley inspira-se na história bíblica, essa punição de Deus que divide os homens inexoravelmente. A obra desenrola-se no caos provocado pela imperceptibilidade do palrar multicultural do corpo de bailarinos, actores e músicos que, movimentando-se na intersticialidade da conexão e da retirada, intensificam uma dinâmica de clímax e anti-clímax. As estruturas metálicas de Gormley encerram o sentimento primitivo, só ele capaz de desfazer o equívoco. A dança-teatro de Babel deslumbra pela sua graça, virtuosidade acrobática, eclectismo de estilos e energia inesgotável. A constante mudança de enquadramentos musicais, que viaja pelas diversas escalas, acolhe a sinestesia, fundindo a espiritualidade transcendente com a inevitável evidência da nossa mundanidade. ¶ O corpo, como abertura à alteridade, é fonte de percepção para o funcionamento regular do mundo. Acentuará este facto o eterno dualismo da divisão corpo/mente ou será o corpo o último refúgio de uma mente distanciada da sua gênese física?

The birth of this piece occurred on the first day of rehearsals when a microcosm of 18 dancers from 13 countries, with 15 different languages, 7 religious backgrounds and various dance styles met with choreographers Sidi Larbi Cherkaoui and Damien Jalet and visual artist Antony Gormley to set off on a new type of journey. It was in this whirlpool of identities, nationalities and culture that they found their inspiration, a place where language is verbal and physical, where unification and division occurs, where communication is possible and impossible, where meaning has no meaning at all. In the construction as well as in the production of the show, “Babel” has grown like a city of multiplicities, a chain of possibilities where the broad three-dimensional foundations by Antony Gormley are built, torn down and transformed as if nothing more than our own thoughts have been conjured up. The space is divided and taken up, creating territories, aisles and borders which pay heed at times to the conscious and at times to the mortal geopolitical divisions of countries, as well evoking the borders and limits which we impose on ourselves and others. Also offering a shelter and a relief in a scene of chaos and complexity, structures allow for private and intimate moments of tenderness without which none of us can survive. The city is not very different from the landscape on which the French philosopher Michel de Certeau sets his work, “The practice of daily life,” where people running about hectically vacillate when making decisions, not knowing what to do nor why they do things. People stumble over choices of beliefs, community and identity which at the same time give support, close doors, build walls and establish limits. Obviously, they build ivory towers, not only as a manifestation of one’s wealth but also in the search for some type of higher knowledge and enlightenment. The aerial view and the distance from these silent patterns bring feelings of comfort, control and order because, s was noted by that old saying found at the top of the Empire State Building: “It’s difficult to feel yourself down there when you’re up here.” During its creation, the piece showed the choreographers that they were turning the Tower of Babel upside down: what was more interesting was not the multiplicity of our regional, spiritual, linguistic or physical differences but rather the deep bond which unites us and the responsibilities which we all share. At the end of the show, we watch as the structures, definitions and technologies which we seek to impose on our geographic, virtual, political or spiritual worlds all come tumbling down. We remain with something more primitive, transcending and unified. What we are left with is each other, chained together by our neurons and separated merely by our skin.

TOMANDO COMO PONTO DE PARTIDA A LENDA DA TORRE DE BABEL - EM QUE DEUS CASTIGA OS QUE CONSTRUÍRAM UMA TORRE EM SEU NOME, CAUSANDO O CAOS E SEPARANDO-OS EM DIFERENTES LÍNGUAS, CULTURAS E TERRAS - A COREOGRAFIA DE SIDI LARBI CHERKAOUI E DAMIEN JALET, PARA A COMPANHIA BELGA EASTMAN, EXPLORA A LINGUAGEM E A SUA RELAÇÃO COM A NACIONALIDADE, A IDENTIDADE E A RELIGIÃO.

TAKING THE LEGEND OF THE TOWER OF BABEL AS THE STARTING- OFF POINT - THE STORY IN WHICH GOD PUNISHES THOSE WHO HAVE BUILT THE TOWER BY CAUSING CHAOS AND SEPARATING THE PEOPLE INTO DIFFERENT LANGUAGES, CULTURES AND COUNTRIES - THE CHOREOGRAPHY BY SIDI LARBI CHERKAOUI AND DAMIEN JALET FOR THE BELGIAN COMPANY EASTMAN EXPLORES LANGUAGE AND ITS RELATIONSHIP WITH NATIONALITY, IDENTITY AND RELIGION.





understood as a barrier – contributes most decidedly. The original belief that underlies human nature encounters no corresponding element in the chaos caused by the profusion of languages, cultures and territories. It is

the rhythm, a ballet of nerve cells which transport meaning and feelings without the distortion of words, that Cherkaoui dilutes the tension created by diversity, provocation and rupture. ¶ The piece by Cherkaoui, Jalet and Gormley is inspired by the Biblical story, the punishment from God which divides humanity forever. The piece unfolds in the chaos caused by the incomprehensibility of the multicultural chatter of the dancers’, actors’ and musicians’ bodies, which moving about in the interstitiality of connection and withdrawal, intensify the dynamics of climax and anti-climax. Gormley’s metallic structures frame the primitive feeling and only it can unravel the ambiguity. The dance-theatre of Babel amazes with its grace, acrobatic virtuosity, eclecticism of styles and limitless energy. The constant change of musical framings which travel off through different scales welcomes synesthesia, blending our transcendent spirituality with the unavoidable evidence of our worldliness. ¶ The body, as the opening to otherness, is the source of perception for the regular functioning of the world. The eternal dualism of the body/mind division will accentuate this fact, or will the body be the last refuge of a mind distanced from its physical genesis?

* Textos elaborados por Paulo Pinto no âmbito do estágio curricular da Licenciatura em Estudos Artísticos e Culturais da Faculdade de Filosofia de Braga - UCP

* Texts written by Paulo Pinto as part of an academic internship in the Degree Program in Artistic and Cultural Studies at the School of Philosophy (Braga), Catholic University of Portugal

The body as an opening to otherness *

In “Babel (Words)” the language of movement will by chance signify the unifying element of contemporary cultural multiplicity, the link which establishes the bond between ethnicity and identity, the appeasement of the mumbling which blocks the common accord among opposites. The body, a continuous source of inspiration, emerges as a subtle device for communication, casting an aprioristic glance on the conflations generated by the diversity of discourse in a process of sensory mediation which is not diluted in its expressiveness but which seeks to highlight the contradictions of progress and the illusory unity of peoples. ¶ This sensory de-codification of the world, which is always being sparked within each of us, cannot dispense with those bodily signals which escape our will and consciousness, not losing its social meaning. For Cherkaoui the body is a tool of expression that cannot run away from its cultural and racial matrix and whose proxemics can explain the birth of a dualism which is assumed from the start: the dividing line between life and death, belonging and alienation, the east and the west. Metonomies of a world which sinks into the most illusory of promises of sophistication, and for those, language – here

• Coreografia **Sidi Larbi Cherkaoui e Damien Jalet** • Design virtual **Antony Gormley** • Assistente de coreografia **Hilke Roehorst** • Guarda-roupa **Alexandra Gilbert** • Desenho de luz **Adam Garré** • Dramaturgia **Lou Cope** • Criado e interpretado por **Navala Chaudhari, Francis Ducharme, Darryl E. Woods, Qudus Onikeku**, **Damien Fournier, Ben Fury, Valgerdur Runarsdottir, Christine Leboutte, Ulrika Kinn Svensson, Sanghun Lee, Sandra Delgadillo Porcel, Paul Zivkovich e Igal Furman** • Música interpretada por **Patrizia Bovi, Mahabub Khan, Sattar Khan, Gabriele Miracle e Kazunari Abe** • Férrio de música tradicional turca **Fahrettin Yarkin** • Técnicos **Sharp, Bert Van Dijk, Bart Van Hoydonck (SLP), Mathias Bataleer (SLP), Jens Drieghe (SLP)** • Figurinos **Elisabeth Kinn Svensson** • Director de Produção **Maarten Verbeuren** • Tour Manager **Sofie De Schutter** • Assistente de Produção **Lies Doms** • Director Executivo **Karen Feys** • Agradecimentos **Asano Taiko, Marek Pomocki, senis Karaman, raad van bestuur Eastman, De munt, Iise uyterhoeven, Assaf Hochman, Casey Spooner, Alistair Wilson (Push 4) Antony Gormley studios, Juliette Van Peteghem, Milan ‘Mino’ Herich, Sven Bahat, Hisashi Itoh, Kodo Ensemble (Melanie Taylor), Rakesh Mps, Karthika Nair, Frederik Verrote** • Produção **Eastman vzw and Theatre royal de la Monnaie** • Co-produção **Fondation d’entreprise Hermès, Etablissement Public du Parc et de la Grande Halle de la Villette (Paris), Sadler’s Wells (Londres), Theaterfestival Boulevard (Den Bosch, Holanda), Festspielhaus (St. Pölten), Grand Théâtre of Luxembourg, International Dance festival Switzerland - Migros Culture Percentage, Fondazione Musica per Roma (Roma) and the Ludwigsburger Schlossfestspiele (Alemanha)** • Babel (words) é co-comissariada por Dash Arts 2010 programa de Artes Árabe • Eastman vzw é uma companhia residente em Toneelhuis (Antuérpia), projecto parceiro de De Singel International Art Campus (Antwerp) e apoiado por Asano Taiko • Com o apoio de **Garrick Charitable Trust e Autoridades Flamengas** • Duração **100 min. s/intervalo** • **Maiores de 16**

ACTIVIDADES PARALELAS

TERÇA 01 E QUARTA 02 | 10h00 E 15h00
SEXTA 11 | 10h00
SEGUNDA 14 E TERÇA 15 | 10h00 E 15h00

OFICINA DE DANÇA À MANEIRA DELES, AGORA! LEONOR BARATA

ESPAÇO OFICINA

“À maneira deles, agora!” é a continuação das oficinas que Leonor Barata criou em 2007 e que nos conduzem pela história da dança, dançando! Estas oficinas são construídas a partir das danças de cada coreógrafo, mas também das suas vidas e da forma como os acontecimentos condicionaram o seu fazer artístico. Se este percurso se iniciou com as mulheres pioneiras da dança moderna (Isadora Duncan, Mary Wigman e Martha Graham), o que agora se propõe é desenvolver o lado masculino da dança do início do séc. XX revisitando Vaslav Nijinski (1889-1959), Rudolf Laban (1879-1958) e Merce Cunningham (1919-2009): À maneira deles, agora! Afinal, é graças a estes homens e mulheres que hoje dançamos como dançamos.

• Público-alvo **Maiores de 6 anos**
• Lotação **1 turma/ 25 pessoas** • Duração **1h30 min.** • Preço **1 eur**
Actividade sujeita a marcação prévia, com uma semana de antecedência, que poderá ser efectuada por teif. 253 424 700 ou através do e-mail servicoeducativo@aoficina.pt

À MANEIRA DELES, AGORA! - DO IT THEIR WAY, NOW!

“À maneira deles, agora!” (“Do it their way, now!”) is the continuation of the workshops begun by Leonor Barata in 2007 and which take us through the history of dance – by dancing! These workshops are built upon dances by each choreographer, but also based on their lives and the way events have shaped their artistic expression. If the beginning focused on the pioneering women in dance (Isadora Duncan, Mary Wigman and Martha Graham), the proposal now is to explore men’s dance at the beginning of the 20th century by revisiting Vaslav Nijinski (1889-1959), Rudolf Laban (1879-1958) and Merce Cunningham (1919-2009). “À maneira deles, agora!” (“Do it their way, now!”) shows us that it is thanks to these men and women that today we have the dances which we dance.

• Target audience **Aged 6 and over** • Duration **1 hour and 30 min.**
• Enrolment **maximum of 1 class group of 25 people** • Price **1 euro**
Places in the workshop must be reserved at least one week in advance and may be done by calling 253 424 700 or e-mailing us at servicoeducativo@aoficina.pt

QUARTA 09 | 14h00 - 17h30 AUSTRALIAN DANCE THEATRE MASTERCLASSE TÉCNICAS DE DANÇA CONTEMPORÂNEA SALA DE ENSAIOS

Durante a sua residência em Guimarães, a Australian Dance Theatre coordenará uma masterclasse sobre técnicas de dança contemporânea, dirigida a estudantes de dança de nível superior/avançado. A masterclasse será orientada por Elisabeth Old, assistente da direcção artística da Australian Dance Theatre, e pelos bailarinos da companhia que integram o espectáculo “Be Your Self”. Sem dúvida, uma oportunidade única de troca de experiências e de contacto directo com uma das mais importantes e relevantes companhias mundiais de dança contemporânea.

• Público-alvo **Estudantes de dança de nível superior/avançado**
• Formadores **Assistente da Direcção Artística e Bailarinos da Australian Dance Theatre** • Nº máximo de participantes **30**
• Duração **3h** • **Inscrição gratuita** (sujeita ao pagamento de uma caução de 25 eur) • Data limite de inscrição **04 de Março**
Inscrições no Centro Cultural Vila Flor ou no site www.ocvf.pt

AUSTRALIAN DANCE THEATRE MASTER CLASS CONTEMPORARY DANCE TECHNIQUE

During their residency in Guimarães, the Australian Dance Theatre will hold a Master Class on contemporary dance techniques directed at upper-level students of dance. The Master Class will be led by Elisabeth Old, Assistant Artistic Director of the Australian Dance Theatre and dancers from the company performing the show “Be Your Self.” This will undoubtedly be a unique opportunity to share experience and have direct contact with one of the most prominent contemporary dance companies in the world.

• Target audience **Upper/advanced level dance students**
• Instructors **Assistant Artistic Director and dancers at the Australian Dance Theatre** • Duration **3 hours** • Maximum n° of participants **30**
• Registration at no cost (subject to a security deposit of 25 euros)
• Deadline for Registration: March 4th

QUARTA 09 | 21h30 CAFÉ FALADO DO CENTRO PARA A PERIFERIA: CONFRONTAÇÃO DE REALIDADES E EXPECTATIVAS CAFÉ CONCERTO

Como se desenvolve o trabalho estruturante de uma companhia instalada numa grande metrópole e totalmente virada para o mundo (ex: Australian Dance Theatre)? Como se concebem e dimensionam as produções? Procuramos respostas e informação através de uma conversa com Elizabeth Old (Australian Dance Theatre), mas também por confrontação tentamos desvendar o cenário fora dos grandes centros urbanos contando com a participação de Marcos Barbosa (programador das Artes Performativas da CEC2012).

• Entrada Livre • Todas as Idades

CONVERSATION CAFÉ FROM THE CENTRE TO THE OUTSIDE: CONFRONTATION OF REALITIES AND EXPECTATIONS

How do you develop the fundamental work of a world-renown dance company located in a large metropolitan city such as the Australian Dance Theatre? How do you conceive and stage these productions? We go in search of answers and information in a conversation with Elizabeth Old of the Australian Dance Theatre, but contrasting what happens in smaller urban settings with Cristina Grande, Programming Coordinator of the Serralves Foundation and Marcos Barbosa, Performing Arts Coordinator for Guimarães European Capital of Culture 2012.

• No charge for admission • Open to people of all ages

QUINTA 10 | 19h00 - 21h00 ENSAIO ABERTO BE YOUR SELF AUSTRALIAN DANCE THEATRE GRANDE AUDITÓRIO

No dia da apresentação do espectáculo “Be Your Self”, a Australian Dance Theatre irá realizar, ao final da tarde, um ensaio aberto a estudantes de dança e teatro, limitado a 50 participantes. Após o ensaio, haverá uma conversa com Elisabeth Old, assistente da direcção artística da Australian Dance Theatre.

• Público-alvo **Estudantes de dança e teatro**
• Nº máximo de participantes **50** • **Inscrição gratuita**
• Data limite de inscrição **07 de Março**
Inscrições no Centro Cultural Vila Flor ou no site www.ocvf.pt

OPEN REHEARSAL BE YOUR SELF

The afternoon of the performance day of the show “Be Your Self”, the Australian Dance Theatre will hold an open rehearsal for students of dance and theatre, with space limited to 50 people. Afterwards, an informal conversation will be held with Elisabeth Old, Assistant Artistic Director of the Australian Dance Theatre.

• Target audience: students of dance and theatre
• Maximum n° of participants: 50 • Registration at no cost
• Deadline for Registration: March 7th

SEXTA 11 | 18h30 - 20h30

AUSTRALIAN DANCE THEATRE WORKSHOP ESTÚDIO DE DANÇA SALA DE ENSAIOS

No dia seguinte à apresentação do espectáculo “Be Your Self” e aproveitando a presença da companhia em Guimarães, a Australian Dance Theatre orientará um workshop destinado a estudantes de dança com mais de 14 anos de idade. A master-classe será orientada por Elisabeth Old, assistente da direcção artístioa da Australian Dance Theatre, e pelos bailarinos da companhia que integram o espectáculo “Be Your Self”.

• Público-alvo **Estudantes de dança, maiores de 14 anos**
• Formadores **Assistente da Direcção Artística e Bailarinos da Australian Dance Theatre** • Nº máximo de participantes **30**
Inscrição gratuita (sujeita ao pagamento de uma caução de 25 eur) • Data limite de inscrição **04 de Março**
Inscrições no Centro Cultural Vila Flor ou no site www.ocvf.pt

AUSTRALIAN DANCE THEATRE WORKSHOP DANCE STUDIO

Taking full advantage of their stay in Guimarães, the Australian Dance Theatre will conduct a workshop for dance students aged 14 and older on the day after the performance of “Be Your Self.” The Master Class will be led by Elisabeth Old, Assistant Artistic Director of the Australian Dance Theatre and the dancers performing in the show “Be Your Self.”

• Target audience **Students of dance, aged 14 and older**
• Instructors **Assistant Artistic Director and dancers at the Australian Dance Theatre** • Duration **2 hours** • Maximum n° of participants **30** • Registration at no cost (subject to a security deposit of 25 euros) • Deadline for registration **March 4th**

SEXTA 11 | 19h00 - 21h30 OFICINA DE DANÇA HISTÓRIAS SOBRE A HISTÓRIA DA DANÇA LEONOR BARATA ESPAÇO OFICINA

Esta oficina é especialmente pensada para aqueles que allam ou que gostariam de aliar a dança à sua prática pedagógica. Leonor Barata desconstrói as estratégias presentes nas oficinas “À Maneira de...”, percorrendo com os participantes alguns pontos-chave da história da dança, mas resgata também a sua experiência noutros projectos pedagógicos em que a dança se tornou simultaneamente instrumento e matéria de estudo.

• Público-alvo **Professores e outros profissionais da educação**
• Lotação **15 participantes** • Duração **2h30**
• **Inscrição gratuita** (sujeita ao pagamento de uma caução de 10 eur)
• Data limite de inscrição **04 de Março**
Inscrições no Centro Cultural Vila Flor ou no site www.ocvf.pt

STORIES ABOUT THE HISTORY OF DANCE LEONOR BARATA

This workshop has been thought out especially for those who ring or would like to bring dance into their classrooms. Leonor Barata deconstructs the strategies present in her “À Maneira” workshops, covering the key moments in the history of dance, calling on her own experience in other educational projects where dance was at the same time the instrument of study and the material focused upon.

• Target audience **Teachers and other professionals in education**
• Duration **2 hours and 30 min.** • Enrolment **15 participants**
• Registration at no cost (subject to a security deposit of 10 euros)
• Deadline for Registration **March 4th**

TERÇA 15 | 21h30

CAFÉ FALADO AS “LINGUAGENS” DO CORPO CAFÉ CONCERTO | Entrada livre

O corpo, matéria-prima da dança, emerge como um topos onde se inscrevem emoções, constituindo-se uma ferramenta de comunicação universal não raramente sujeita aos preconceitos da proximéica. As suas múltiplas capacidades expressivas não nos permitem falar de uma “linguagem do corpo”, mas de várias “linguagens”. Na confluência desta polissemia encontra-se o espectador, a quem, em última análise, cabe a tarefa da compreensão. Orientado por Paulo Pinto, e com a presença de Rafaela Salvador, o Café Falado que vos propomos pretende contribuir para a articulação da linguagem entre artistas e públicos, relançando a discussão acerca do papel que cabe, na arte, a autores e fruidores.

• Entrada Livre • Todas as Idades

CONVERSATION CAFÉ THE “LANGUAGES” OF THE BODY

The body, the raw material used in dance, is put forth as the topos on which we inscribe our emotions, thus becoming a universal tool for communication which is frequently subject to the prejudices of proxemics. Its variety of expressive capacities does not allow us to speak of a “language of the body” but instead of various “languages.” In the middle of this stream of different meanings we find the audience to whom we give, in the final analysis, the task of understanding the piece. Moderated by Paulo Pinto and with guests Rui Horta and Rafaela Salvador, the Conversation Café on offer seeks to explore the articulation of the language between the artist and the audience in a discussion about the role of the artists and the audience in the arts.

• No charge for admission • Open to people of all ages

SÁBADO 19 | 15h00 SESSÃO ABERTA LABORATÓRIO B NO ÂMBITO DO PROJECTO B PEQUENO AUDITÓRIO

Inspirado pela experiência de um laboratório de pesquisa coreográfica, um grupo de anónimos apaixonados pela dança entrega-se à descoberta da sua ideia de “beleza”. Desde Outubro de 2010, reúnem-se uma vez por semana na Sala de Ensaios do CCVF e desenham o seu próprio caminho de exploração, entre exercícios de movimento, diálogo e improvisação. Não há bússola. Não há mapa. Não há meta. Apenas o olhar aguçado de quem procura, o pé inquieto de quem viaja, o peito limpo de quem se indaga.

• Público-alvo **Maiores de 16 anos** • Lotação **15 pessoas**
• **Entrada livre**
Actividade sujeita a marcação prévia, com uma semana de antecedência, que poderá ser efectuada por teif. 253 424 700 ou através do e-mail servicoeducativo@aoficina.pt

OPEN SESSION LABORATORY B

Inspired by the experience of a choreographic exploration lab, a group of dance amateurs will go in search of their idea of “beauty.” Since October of 2010, they have been working once a week in the CCVF Rehearsal Studios and have opened up new paths via their movement, dialogue and improvisation exercises. Here there is no compass. There is no map. There is no destination. There is just the keen eye of someone who is searching, the restless feet of the traveller, and the bravery of the intrepid.

• Target audience **Aged 16 and over** • Enrolment **15 people**
• No charge for admission • Places in the lab must be reserved at least one week in advance and may be done by calling 253 424 700 or e-mailing us at servicoeducativo@aoficina.pt

